



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
MESTRADO EM SAÚDE PÚBLICA**

**Violência escolar: vitimização e agressão entre
adolescentes da rede pública municipal de ensino**

Emanuella de Castro Marcolino

**Dissertação apresentada à Universidade Estadual da
Paraíba – UEPB, em cumprimento dos requisitos
necessários para a obtenção do título de Mestre em
Saúde Pública, Área de Concentração Saúde Pública.**

Orientador: Profº Dr. Alessandro Leite Cavalcanti

**CAMPINA GRANDE
2015**

Violência escolar: vitimização e agressão entre adolescentes da rede pública municipal de ensino

Emanuella de Castro Marcolino

Dissertação apresentada à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Saúde Pública, Área de Concentração Saúde Pública.

Orientador: Profº Dr. Alessandro Leite Cavalcanti

**CAMPINA GRANDE
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M321v Marcolino, Emanuella de Castro.

Violência Escolar [manuscrito] : vitimização e agressão entre adolescentes da Rede Pública Municipal de ensino / Emanuella de Castro Marcolino. - 2015.
106 p.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2015.

"Orientação: Prof. Dr. Alessandro Leite Cavalcanti, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa".

1. Violência escolar. 2. Estudantes. 3. Adolescentes. 4. Vítimas de crime. 5. Agressão. I. Título.

21. ed. CDD 371.782

FOLHA DE APROVAÇÃO

Emanuella de Castro Marcolino

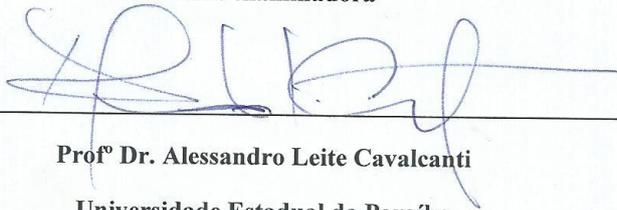
Violência escolar: vitimização e agressão entre adolescentes da rede pública municipal de ensino

Orientador: Profº Dr. Alessandro Leite Cavalcanti

Dissertação apresentada à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Saúde Pública, Área de Concentração Saúde Pública.

Aprovada em: 29/05/2015

Banca examinadora



Profº Dr. Alessandro Leite Cavalcanti

Universidade Estadual da Paraíba



Profº Dr. Wilton Wilney Padilha

Universidade Estadual da Paraíba



Profº Dr. Francisco Arnaldo Nunes de Miranda

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

DEDICATÓRIA

*Dedico esta dissertação aos meus eternos avós, **Luiza e Airton**, (in memoriam), que partiram desta vida para o céu se tornando luz na eternidade durante essa minha caminhada. Deixando a lacuna, o vazio; mas, sobretudo, a lembrança do amor incondicional e da certeza que foram indiscutivelmente essenciais na construção da minha existência quanto pessoa e profissional, fazendo, assim, com que eu chegasse até esse momento.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por ter me guiado e me abençoado em cada passo dado, por ter sido minha fortaleza quando as dificuldades e fraquezas quiseram superar a força e a coragem.

Àos meus avós (*in memoriam*), aos quais dedico esta dissertação, meus segundos pais, os quais me forneceram toda a base familiar que alicerçou meu caminho e me transformou no ser humano que hoje sou, sendo os responsáveis diretos por alcançar a concretização desse sonho profissional.

À minha mãe, que com seu insubstituível amor, me apoiou em todas as decisões, me deu a mão em tudo que pode, me deu o ombro para me acalantar quando as esperanças faltaram e me deu o abraço e o sorriso nas vitórias.

Ao meu pai (*in memoriam*), por sempre acreditar no meu sucesso, nas minhas vitórias, ser o meu maior fã e me amar ao seu modo.

À toda minha família, irmão, tios, tias, primos, primas, que de alguma forma me apoiaram e me estimularam.

Aos meus verdadeiros amigos; Thayse Ariane, que me incentivou nas melhores escolhas, sempre com os conselhos certos, com a palavra amiga e o desejo sincero do sucesso, Layze Amanda, pela presença constante e torcida sincera e fiel, Mayara Lima, pelo apoio e compartilhamento das dificuldades na caminhada.

Aos professores e amigos, que contribuíram de forma brilhante na minha formação acadêmica, mostrando os melhores caminhos a seguir, Claudia Martiniano e Francisco de Sales.

Ao meu orientador, Dr. Alessandro de Leite Cavalcanti, pela constante abertura ao diálogo, disposição e empenho, por acreditar e confiar quando quis dar meus próprios passos.

Aos examinadores da banca, professores Dr. Wilton Padilha e Dr. Arnoldo Miranda, pela disponibilidade e contribuições.

Às colaboradoras, Joseana Dias e Suzana Pereira, que foram fundamentais na fase de coleta de dados, obrigado pela disposição e por poder contar com as duas.

À Secretaria Municipal de Educação, por conceder autorização para a execução da pesquisa nas instituições escolares; bem como, em especial, aos gestores e professores que facilitaram o processo em cada escola municipal.

Aos escolares das escolas municipais de Campina Grande, elementos essenciais a esta pesquisa.

À professora Ana Carina Stelko Pereira por disponibilizar o instrumento “Escala de Violência Escolar” para a aplicação nesta pesquisa.

“A força gerada pela não violência
é infinitamente maior do que a
força de todas as armas inventadas
pela engenhosidade do homem”
(Mahatma Gandhi)

RESUMO

MARCOLINO, Emanuella de Castro. VIOLÊNCIA ESCOLAR: VITIMIZAÇÃO E AGRESSÃO ENTRE ADOLESCENTES DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO. 106fls. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande – PB, 2015.

Introdução: Entende-se por violência escolar as situações de agressão decorrentes das relações e práticas ocasionadas na escola ou fora desta, abrangendo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio e atos criminosos cometidos pelos diversos atores escolares, a saber, alunos, professores, funcionários; manifestados por meio de agressões de alunos e seus pares, alunos e professores, alunos e funcionários e vice e versa. Objetivo: Analisar a frequência e os fatores associados à vitimização e a agressão da violência escolar entre adolescentes de 10 a 19 anos matriculados na rede pública municipal de ensino de Campina Grande/BR. Materiais e Métodos: Configura-se como um estudo epidemiológico transversal com abordagem indutiva, de caráter descritivo e analítico. A amostragem caracterizou-se como do tipo probabilística por conglomerado em um estrato. O cálculo amostral foi realizado considerando-se a prevalência de 50% de violência escolar, sendo adotado um nível de confiança de 95% e margem de erro de 5%, efeito do desenho (Deff) de 1,7 e um acréscimo de 20% para perdas. Estimou-se a amostra final em 678 adolescentes. Para a coleta dos dados utilizou-se o instrumento denominado Escala de Violência Escolar, escala tipo Likert que mensura frequência e gravidade da violência escolar. Analisou-se as seguintes variáveis: sexo, idade, violência escolar, violência escolar física, psicológica, material, virtual e simbólica; vitimização por violência escolar, agressão por violência escolar, *bullying*, *bullying* físico, *bullying* psicológico, *bullying* virtual, uso de álcool, porte de arma branca e arma de fogo na escola. Os dados coletados foram analisados com o SPSS versão 18.0 e apresentados por meio da estatística descritiva (distribuições absolutas e percentuais, média, mediana e desvio padrão). Para análise inferencial utilizou-se os testes do Qui-quadrado e Exato de Fisher. O nível de significância a ser adotado nos testes estatísticos foi de 5% e intervalo de confiança de 95%. Resultados: A violência escolar autorelatada atingiu 86,3% dos estudantes. As adolescentes foram vítimas, predominantemente, da violência psicológica, enquanto os adolescentes sofreram maior vitimização por violência física e material. Verificou-se associação significativa entre as variáveis “ser agressor” com o “uso de álcool” ($p < 0,001$; RP=3,92 [2,01-7,65]), “portar arma branca na escola” ($p = 0,03$; RP=2,17 [1,08-4,34]) e “portar arma de fogo na escola” (RP=17,73; [2,32-135,02]). Quanto ao *bullying* escolar, 29,5% dos escolares relataram vitimização por *bullying*, enquanto 8,4% dos estudantes afirmaram praticarem *bullying* contra outro estudante. Observou-se a predominância dos estudantes do sexo masculino nos casos de *bullying* tanto como vítimas quanto como agressores. Conclusões: Infere-se que a violência escolar, na maioria dos casos, envolve escolares do sexo masculino, sendo vítimas e/ou agressores que demonstram comportamento de risco na escola. De modo semelhante, o *bullying* atinge, majoritariamente, estudantes do sexo masculino, que alternam o papel de vítima e de agressores, tendo os agressores de *bullying* mais chances de uso de fumo e consumo de álcool na escola.

Palavras-chave: violência; estudantes; adolescentes; vítimas de crime; agressão.

ABSTRACT

MARCOLINO, Emanuella de Castro. SCHOOL VIOLENCE: VICTIMIZATION AND AGGRESSION BETWEEN ADOLESCENTS IN MUNICIPAL PUBLIC SCHOOLS. 106fls. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande – PB, 2015.

Introduction: It is understood by school violence those aggression situations arising from relationships and caused practices at school or out of it, including interpersonal conflicts, property damages and criminal acts committed by various school actors, namely to students, teachers, staff; manifested through aggression students and their peers, students and teachers, students and staff and unlike. **Objective:** To analyze the frequency and the factors associated with victimization and aggression of school violence among adolescents aged 10 to 19 years registered in municipal public schools in Campina Grande, Brazil. **Materials and Methods:** Set up as a cross-sectional epidemiological study with inductive approach, descriptive and analytical character. The sample was characterized as probabilistic by conglomerate in a stratum. The sample size calculation was done considering the prevalence of 50% of school violence, adopting a confidence level of 95% and 5% from error margin, design effect (Deff) of 1.7% and an increase of 20% for losses. He estimated the final sample in 678 adolescents. To collect the data we used the instrument called School Violence Scale, Likert scale that measures school violence frequency and severity. The following variables were analyzed: sex, age, school violence physical, psychological, material, virtual and symbolic; victimization and aggression by school violence, physical, psychological and virtual bullying, alcohol use, weapon possession and firearm at school. Data were analyzed with SPSS version 18.0 and presented by descriptive statistics (absolute and percentage distributions, mean, median and standard deviation). For inferential analysis we used the Chi-square test and Fisher's exact. The significance level to be used in statistical tests was 5% and 95% confidence interval. **Results:** Self-reported school violence reached 86.3% of students. Girls were victims predominantly of psychological violence, while boys experienced higher victimization by physical and material violence. There was a significant association between the variables "being aggressor" with "alcohol use" ($p < 0.001$; OR = 3.92 [2.01 to 7.65]), "carry weapon at school" ($p = 0.03$; PR = 2.17 [1.08 to 4.34]) and "porting firearm at school" (PR = 17.73; [2.32 to 135.02]). As for school bullying, 29.5% of students reported victimization by bullying, while 8.4% of the students said bullying practice against another student. There was a male students predominance in bullying cases both as victims and as perpetrators. **Conclusions:** It is inferred that school violence, in most cases, involves male students, with victims and / or aggressors who demonstrate risk behavior in school. Similarly, bullying affects, mostly, male students, who alternate in the role of victim and aggressors, and bullying aggressors more likely to use tobacco and alcohol at school.

Keywords: Violence; Students; Adolescents; Victims of crime; Aggression.

LISTA DE SIGLAS

OMS – Organização Mundial da Saúde

EUA – Estados Unidos da América

UNESCO - Organização das Nações Unidas para educação, ciência e cultura

DF – Distrito Federal

ABRAPIA - Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência

OPAS - Organização Pan-Americana de Saúde

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

DS - Distrito Sanitário

EVE - Escala de Violência Escolar

QIPVE - Questionário de Investigação de Prevalência de Violência Escolar

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema de conceituação da violência escolar	28
Figura 2 - Mapa da Paraíba por Macrorregiões de Saúde	37
Figura 3 - Localização do Município de Campina Grande na 16ª microrregional de saúde....	38
Figura 4 - Distribuição de Escolas Municipais de Ensino Fundamental com turmas do 6º ao 9º ano	39

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Distribuição Proporcional das Escolas Municipais de Ensino Fundamental Urbanas com turmas de 6º ao 9º ano por Distrito Sanitário para Composição da Amostra.....	40
Quadro 2 - Lista de variáveis analisadas no estudo	42

LISTA DE TABELAS

Artigo 1

Tabela 1 – Distribuição da Violência Escolar Quanto à Tipologia.....	68
Tabela 2 – Associação entre Sexo e Idade Categorizada com Violência Escolar, Física, Material, Psicológica, Virtual e Simbólica	69
Tabela 3 – Associação Entre Agressor e Uso de Álcool, Arma Branca e Arma de Fogo	70

Artigo 2

Tabela 1 – Distribuição de prevalência de vitimização e agressão por <i>bullying</i> escolar e tipologias em escolas da rede pública municipal de ensino no município de Campina Grande - PB	75
Tabela 2 – Associação entre sexo e idade categorizada com vítima de <i>bullying</i> , <i>bullying</i> físico, <i>bullying</i> psicológico, <i>bullying</i> virtual em escolas da rede pública municipal de ensino no município de Campina Grande - PB	77
Tabela 3 – Associação entre ser agressor de <i>bullying</i> e comportamento de risco em escolas da rede pública municipal de ensino no município de Campina Grande - PB.....	78
Tabela 4 – Associação entre vítima e agressor de violência escolar com vítima de <i>bullying</i> e tipologias em escolas da rede pública municipal de ensino no município de Campina Grande – PB].....	80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 OBJETIVOS.....	17
3 REFERENCIAL TEÓRICO	18
4 MATERIAL E MÉTODOS	37
4.1 Tipo de estudo	37
4.2 Local da pesquisa	37
4.3 População do estudo.....	38
4.4 Procedimento Amostral.....	38
4.5 Critérios de inclusão e exclusão	41
4.6 Variáveis do estudo	42
4.7 Instrumento de coleta dos dados	46
4.8 Estudo Piloto	46
4.9 Procedimento de coleta de dados	47
4.10 Processamento e Análise dos dados	48
4.11 Aspectos éticos.....	48
5 RESULTADOS	50
5.1 Artigo 1	50
5.2 Artigo 2	71
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	90
ANEXOS.....	97
APÊNDICE	104

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) entende que ocorre violência quando o uso de força física ou poder na forma de ameaça ou na prática causa sofrimento, morte, dano psicológico, prejuízo no desenvolvimento humano ou privação (WHO, 1996).

Nas últimas décadas, ampliou-se o discernimento do que concerne a violência, a partir da inclusão de novos significados, transformando práticas anteriormente consideradas habituais em situações de violência efetiva, a exemplo da violência escolar. Esta anteriormente reconhecida como delinquência juvenil, atualmente passa a ser percebida de maneira mais abrangente, enquanto expressão de fenômenos como a globalização e a exclusão social (ABRAMOVAY; AVANCINI; OLIVEIRA, 2013).

Nessa linha de pensamento, o entendimento da violência escolar se constitui em processo de formação conceitual; desse modo, há diferentes interpretações sobre a violência no âmbito escolar não havendo consenso na comunidade científica. No entanto, somando-se as concepções de diversos autores, pode-se definir violência escolar como as situações de agressão decorrentes das relações e práticas ocasionadas na escola ou fora desta, abrangendo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio e atos criminosos cometidos pelos diversos atores escolares, a saber: alunos, professores, funcionários; manifestados por meio de agressões de alunos e seus pares, alunos e professores, alunos e funcionários e vice e versa (STELKO-PEREIRA, 2009; SANTOS, 2011).

Salienta-se como principais expressões da violência no ambiente escolar, o aparecimento das armas nas escolas, a disseminação das drogas e a formação de gangues associadas ao tráfico; bem como, a mudança do espaço no entorno as escolas que assumiram características da violência urbana, deslegitimando o espaço escolar como um ambiente seguro, além da influência do extrato social, tipo de instituição, cultura e gênero (ABRAMOVAY; RUA, 2002; SILVA et al., 2014).

Internacionalmente, sobretudo, nos Estados Unidos, a violência escolar torna-se objeto de estudo desde os anos de 1950, sendo evidenciada como problemática a partir da manifestação de comportamentos antissociais de escolares mediante ataques com arma de fogo no ambiente escolar, acarretando mortes coletivas ou individuais. Essas situações, apesar de pouco frequentes, porém de grande repercussão internacional, trouxeram à tona a questão produzindo intensificação na busca pela compreensão dos aspectos relativos à violência no contexto escolar, considerando desde os casos mais extremos representados por mortes e brigas entre

gangues até as expressões mais simples traduzidas por ameaças, brigas e xingamentos (ABRAMOVAY; RUA, 2002).

Nas escolas americanas, a presença de uma ou mais situações de violência na escola foram narradas em 74% das escolas públicas. Dentre estes casos de violência, 44% dos registros referiram um ou mais furtos e 16% representaram casos de violência grave. O ato de praticar intimidação contra aluno atingiu 28% dos escolares. (ROBERS et al., 2012).

Esse quadro da violência escolar norte americana configura-se, de modo semelhante, em diversas nações, o que impulsionou a preocupação por escolas mais seguras e o desenvolvimento de programas de prevenção à violência escolar em todo o mundo. Tais programas visam aprimorar o espaço escolar na sua totalidade com a finalidade de torná-lo desfavorável a violência, a partir de estratégias de minimização dos acontecimentos violentos cotidianos como mecanismo de impedir situações extremas (SKIBA et al., 2013).

Desse modo, o objetivo dos programas internacionais de prevenção não se restringe ao declínio das taxas de homicídio em decorrência de conflitos na escola. Essencialmente, os benefícios prezam a redução de comportamentos agressivos, antissociais, intimidadores e desrespeitosos como forma de construir o bem estar escolar com potencial de desencadear efeitos positivos na aprendizagem e nas relações no interior da escola (UNITED STATES DEPARTMENT OF JUSTICE, 2007).

No Brasil, 64% dos estudantes relataram sofrer xingamentos; dos meninos, 75% sofreram esse tipo de agressão enquanto no grupo das meninas a porcentagem alcançou 55%. Outro aspecto marcante da violência nas escolas brasileiras refere-se aos furtos na escola, considerado como ato comum no convívio escolar expressado tanto por professores quanto por alunos, em média, 69% dos escolares relatou ter ciência de roubos na escola (ABRAMOVAY, 2005).

Mesmo diante desse cenário brasileiro, somente no final do século XX e início do XXI buscou-se um aprofundamento do conhecimento e discussões sobre a violência escolar no sentido de compreender a origem do fenômeno, considerando fatores externos e internos ao ambiente escolar. Evidencia-se, assim, a violência escolar como reflexo das vulnerabilidades sociais atreladas a exclusão social e aos problemas com uso e tráfico de drogas. Concomitantemente, defende-se a potencialidade da escola em contribuir, intervir e prevenir as diversas modalidades da violência no meio escolar (ABRAMOVAY; AVANCINI; OLIVEIRA, 2013).

Adicionalmente, destaca-se a ampliação da violência no ambiente escolar brasileiro, ao longo dos últimos anos, prioritariamente, nas escolas públicas, manifestada por tendência a

naturalização dos atos violentos sendo considerado evento corriqueiro da realidade das escolas, o que indica a banalização da violência ao passo que é tratada como inerente ao espaço escolar (ABRAMOVAY; AVANCINI; OLIVEIRA, 2013).

Frente a esse cenário internacional e nacional, adota-se a concepção ampla de violência escolar incorporando as dimensões física (agressão concreta), socioculturais e simbólicas. Sendo assim, a violência escolar decorre da interrelação entre três conjuntos de variáveis independentes, tornando-a multidimensional: o institucional, o social e o comportamental (ABRAMOVAY; RUA, 2002; KAPPEL et al., 2014).

Á vista disso, o ideal seria não delimitar a um único fator ou grupo de fatores os desencadeantes da violência escolar, se fazendo necessário compreender o amplo conjunto de aspectos de comportamento favorável ou não ao fenômeno, uma vez que o mesmo pode se manifestar em diferentes formas de intensidade, magnitude, permanência e gravidade, requerendo, assim, enfoques multidimensionais e abordagens transdisciplinares (ABRAMOVAY; AVANCINI; OLIVEIRA, 2013; ABRAMOVAY; RUA, 2002).

Nessa perspectiva, se faz mister pesquisar na área da violência escolar a fim de aprofundar a abordagem em saúde da temática almejando avanços na análise e inferências em relação às condições de saúde dos escolares em situação de violência, visto que a produção científica no setor saúde apresenta-se escassa restringindo-se, a maioria, a área da educação.

Isto posto, as possibilidades de contribuição da pesquisa em saúde dirigida a análise do comportamento violento no ambiente escolar atinge não somente os escolares envolvidos, todavia, abrange os diferentes profissionais direta ou indiretamente relacionados ao fenômeno.

Nesse sentido, aos gestores municipais, dados epidemiológicos acerca da violência escolar tem a capacidade de tornar-se subsídio para a formulação e execução de planos e estratégias de controle e prevenção da violência no cenário da escola. Aos profissionais da educação diretamente vinculados aos escolares, destaca-se o fornecimento de conhecimento acerca da problemática permitindo a condução das ações educacionais aos escolares com base em elementos científicos pautados na realidade local.

Ademais, a incursão no entendimento da temática e das relações que permeiam a violência entre os escolares se faz de suma importância, igualmente, para os profissionais da saúde como aporte às práticas de promoção da saúde, prevenção do agravo e educação em saúde no desenvolvimento dos programas de intervenção nas escolas.

Evidencia-se, assim, a necessidade do desenvolvimento de pesquisas com foco na violência nas escolas à medida que a compreensão dos aspectos relativos às causas e fatores associados à violência nesse espaço constitui-se como elemento essencial para abordar o tema

como problemática de saúde e identificar grupos e fatores de risco, bem como priorizar intervenções, com vistas à promoção da saúde dos escolares, especialmente, na concretização da cultura de paz.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Analisar a frequência e os fatores associados à vitimização e a agressão da violência escolar entre adolescentes de 10 a 19 anos matriculados na rede pública municipal de ensino de Campina Grande/BR.

2.2 ESPECÍFICOS

- Verificar a vitimização e a autoria de violência escolar entre adolescentes da rede pública municipal de ensino de Campina Grande/BR quanto à frequência considerando a tipologia do fenômeno;
- Investigar possível associação entre vitimização e autoria de violência escolar dos adolescentes escolares com aspectos sociodemográficos e comportamento de risco dos mesmos no interior das escolas;
- Verificar a ocorrência de *bullying* entre pares, quanto à vitimização e agressão entre adolescentes da rede pública municipal de ensino de Campina Grande/BR;
- Diagnosticar possível associação entre vitimização e agressão por *bullying* com fatores sociodemográficos e comportamento de risco no espaço escolar entre escolares da rede municipal de ensino de Campina Grande/BR;

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 CONTEXTO INTERNACIONAL E NACIONAL ACERCA DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

A violência escolar se expressa, significativamente, como um fenômeno global. Tal afirmação parte de evidências científicas, realçadas na IV Conferência Internacional sobre Violência Escolar, na qual mais de 50 países entre eles, Japão, Jordânia, Finlândia, Brasil, Noruega, Israel, Malásia, Colômbia, África do Sul, Estados Unidos da América (EUA), Etiópia, alertaram para a problemática, expondo-a com aspectos semelhantes entre os diversos locais do mundo; todavia, com peculiaridades associadas aos contextos específicos tendo em vista as diferenças culturais e de sistemas educacionais que abarcam as diversas nações (BENBENISHTY; ASTOR, 2008).

Nessa direção, o fenômeno da violência escolar quando comparado entre nações comporta-se de maneira diferenciada, especialmente, no que se refere à vitimização. Percebe-se que fatores culturais e de gênero operam com intensidade distinta nos vários contextos. Considerando-se o caráter transversal desses elementos no ambiente escolar e no desenvolvimento da violência, torna-se possível apontar o forte impacto das peculiaridades dos diversos países ocidentais e orientais na manifestação da violência escolar (BENBENISHTY; ASTOR, 2005).

Nos Estados Unidos, homicídios nas escolas representam menos de 2% do número de homicídios totais praticados contra jovens. Apesar de serem eventos raros, as mortes violentas no ambiente escolar apresentam-se de maneira trágica com efeitos de longo alcance na população escolar (ROBERS et al., 2012).

Com base em pesquisa desenvolvida pelo Centro Nacional de Estatística para a Educação dos EUA, no ano de 2009, a vitimização de alunos nas escolas americanas encontra-se no valor de 32 vítimas por 1.000 alunos, quando se refere à vitimizações graves o dado reduz para 4 por 1.000. O número de vítimas com idade entre 12 e 14 anos mostrou-se maior quando comparado aos alunos entre 15 e 18 anos, não havendo distinção de vítimas por raça (branco, preto e latino-americanos). Porém, quando observada prevalência de vitimização de escolas públicas e privadas, os alunos de escolas públicas relataram experiências como vítimas em dobro (ROBERS et al., 2012).

A violência não representa um fenômeno novo nas escolas americanas, o primeiro tiroteio em massa data de 1974, quando um aluno de uma escola de Olean em Nova Iorque disparou aleatoriamente matando três pessoas e ferindo onze. Aproximadamente, a cada ano, ocorre algum tiroteio em escolas dos Estados Unidos. Os eventos únicos, geralmente, expressados em violências contra um grande número de indivíduos, caracterizam cerca de dois terços dos eventos de violência escolar, enquanto que as outras formas de violências compõem o terço restante. Assim, as causas de morte decorrentes de eventos violentos nas escolas distribuem-se com 75% dos óbitos produto de tiroteios, 15% por esfaqueamentos e 10% por espancamentos (LAMBERT, 2013).

Apesar dos números demonstrados, analisando-se dados estatísticos de 1992 a 2009, nos Estados Unidos os percentuais de violência escolar declinaram ao longo dos anos; tal redução se concretizou pelo avanço no país em direcionamentos ao combate e prevenção da violência escolar por meio de políticas e programas caracterizando-se como uma das nações precursoras na implantação e desenvolvimento de programas de prevenção a violência escolar (ROBERS et al., 2012).

No Reino Unido, a problemática da violência escolar manifesta-se, primordialmente, por meio da intimidação entre colegas nas escolas. Em pesquisa direcionada a investigar a vida dos escolares verificou-se que 27% dos alunos declararam sofrer intimidação “às vezes”, destes 10% indicaram ser atingido pelo menos “uma vez por semana” por intimidações (COWIE; SMITH, 2002).

De modo geral, com o aumento progressivo da idade as situações de violência tendem a reduzir. Por esta perspectiva, os alunos mais novos representam a população mais atingida pelas agressões escolares, bem como participantes das situações. Durante investigação, percebeu-se que 12% dos alunos do ensino primário assumiram participar de situações de intimidação de colegas “às vezes”, esse mesmo dado reduz para 6% nos escolares do ensino secundário (COWIE; SMITH, 2002).

Especificamente na Inglaterra, pesquisas diagnosticaram que a violência escolar, com base nas afirmações dos professores, estrutura-se no acúmulo dos pequenos atos de mau-comportamento diários praticados entre os alunos. Nesse sentido, raramente, os professores são agredidos fisicamente ou verbalmente; entretanto, entre os alunos pode-se observar predominância das agressões verbais, provocações, e intimidações (HAYDEN; BLAYA, 2002). Por esta característica de predomínio da intimidação entre pares, o país deteu-se em aprofundar investigações e ações voltadas ao *bullying* entre os escolares, detectando elementos

de forte discriminação e exclusão social a grupos específicos de alunos, sendo os meninos mais velhos, usualmente, os agressores e as meninas, majoritariamente, vitimizadas.

Assim, o enfoque dos ingleses na intimidação entre colegas, tornou esta dimensão da violência escolar objeto de estudo e de implementação de medidas preventivas caracterizando-se como uma das nações mais avançadas em termos de pesquisa direcionadas ao *bullying* (HAYDEN; BLAYA, 2002).

Diferentemente da Inglaterra, a França direcionou seu olhar para a violência escolar a partir da perspectiva crítica e dialogada, unindo aspectos objetivos e subjetivos da violência nas escolas francesas. Com base nas teorias de Debarbieux (2002) a violência escolar exhibe íntima interação com as condições sociodemográficas da população que compreende o meio escolar, apontando relação diretamente proporcional entre condição social e violência escolar.

Deste modo, as teorias francesas elaboraram modelos explicativos para o fenômeno considerando a construção e perpetuação da violência escolar de maneira interativa, a desigualdade social e a aspectos de exclusão social, sem suprimir o papel e as características da escola na produção ou na prevenção da violência demonstrando a eficácia da cultura escolar no fenômeno (MONTROYA, 2002).

Em pesquisa desenvolvida pelo Observatório Europeu da Violência nas Escolas encontraram-se dados bem maiores que os apresentados pelo Ministério da Educação, no que se refere às agressões físicas, o referido estudo identificou o evento 210 vezes mais frequente (DEBARBIEUX; MONTROYA, 2004) comparado às investigações oficiais do Ministério da Educação na França, baseadas nas proporções dos eventos em relação ao número total de alunos franceses.

Tal estudo demonstrou atos de violência física acometendo 0,38% dos estudantes, sequencialmente, os insultos e ameaças corresponderam a 0,35% e a tentativa ou roubo, 0,13%. De modo geral, 78% dos escolares referiram sofrer algum tipo de violência escolar. Logo, observa-se que na França, os inquéritos oficiais tendem a minimizar a problemática, fato que mostra-se contrário aos Estados Unidos, onde realiza-se investigações anuais entendendo-se que investigações específicas na escola são essenciais para compreender a realidade do evento (DEBARBIEUX, 2006).

Nas escolas da Espanha as agressões verbais, exemplificadas por insultos, xingamentos e intimidações, designaram as formas de violência mencionadas com maior frequência pelos escolares, seguidas por ameaças e maus-tratos indiretos, estando à violência física na quarta posição e a exclusão e isolamento social em quinto; tais situações de violência entre colegas localizaram-se, em maior frequência, nas salas de aula e no pátio (ORTEGA, 2002).

Outro estudo espanhol delineado no território de Valência detectou quanto aos tipos de eventos violentos no contexto escolar percentagens diferenciadas, a violência física representou 42% dos casos, o abuso verbal em segunda instância atingiu 40%, restando 8% para atos contra a propriedade, 7% para as ações de exclusão e 3% para as situações de violência sexual (MATEO; FERRER; MESAS, 2009).

De modo divergente, na Suíça, o principal ato de violência constatado no ambiente escolar configura-se nos roubos, especialmente, na extorsão para exigir dinheiro por meio de ameaça. O roubo de dinheiro ou pertences pessoais mencionou-se como presente em 79% das escolas estudadas, estas ações consideradas corriqueiras entre os escolares ultrapassam os casos de violência física e danos ao patrimônio (CLÉMENCE, 2002).

No Brasil, o cenário da violência escolar exhibe-se por meio de poucos estudos com abordagem nacional. A partir da década de 1990, estudos direcionados ao fenômeno da violência escolar passaram a ser desenvolvidos no âmbito das universidades e grupos de pesquisa com predominância regional e local, sobretudo, na área de educação (IJIMA; SCHROEDER, 2012). Assim, registra-se os estudos da Organização das Nações Unidas para educação, ciência e cultura - UNESCO (ABRAMOVAY; RUA, 2002; ABRAMOVAY, 2005) como referências para a análise da violência escolar a nível brasileiro em detrimento a abrangência das pesquisas desenvolvidas.

O primeiro estudo incluiu treze Estados brasileiros e o Distrito Federal (DF), especificamente, as capitais dos mesmos (Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Maceió, Salvador, Goiânia, Cuiabá, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Florianópolis) e abordou 33.655 alunos, 3.099 professores, 10.255 pais de alunos de escolas públicas e privadas nos municípios supracitados (ABRAMOVAY; RUA, 2002).

No que diz respeito à violência delimitada ao espaço escolar, dentre a diversidade de violências perpetradas, manifestou-se de maneira expressiva a violência simbólica entre alunos, bem como na relação entre alunos e professores. A violência simbólica evidenciou-se por meio do relacionamento entre os escolares, com variabilidade entre os Estados e o DF de 24% a 42% os estudantes apontaram não gostarem da maioria dos colegas, o que coloca em questão o conceito de ambiente de convívio social designado à escola. A mesma negatividade de relação revelou-se entre alunos e professores, os escolares afirmam não gostarem da maioria dos professores, especialmente, pela postura de punições e arbitrariedades (ABRAMOVAY; RUA, 2002).

Outras modalidades de violência foram constatadas entre os escolares brasileiros, as quais consistiram nas ameaças contra a integridade física, moral, a liberdade ou os bens que

variaram entre 21% e 40%, bem como nas brigas relatadas como corriqueiras demonstrando a banalização e a utilização dos atos violentos físicos como resolução de problemas. Quanto aos roubos no ambiente escolar entre os alunos, o percentual de vitimização variou entre 20% e 38%, quando estende-se aos professores os percentuais se elevam entre 30% e 62%. O porte de arma na escola foi relatado entre 9% e 18% por estudantes, destacando-se como um elemento significativo na banalização da violência no cenário escolar (ABRAMOVAY; RUA, 2002).

No contexto geral brasileiro, a violência física apresentou-se como a que provocou maior vitimização em todos os grupos de vítimas, ou seja, todos os atores que compõem o espaço escolar, seguida pelos atos violentos contra o patrimônio; e por fim, a verbal, que na maioria das vezes incompreendida como forma de violência torna-se despercebida no convívio escolar (ABRAMOVAY; RUA, 2002).

Diante da complexidade da expressão da violência escolar e da crescente evidência do fenômeno nas escolas, a UNESCO delineou segunda pesquisa com dimensões nacionais envolvendo cinco capitais brasileiras e o Distrito Federal, entretanto, direcionada somente para escolas públicas no intuito de analisar as percepções dos sujeitos escolares em relação à violência (ABRAMOVAY, 2005).

O referido estudo demonstrou que 49% dos alunos relataram boa ou ótima relação com outros alunos, contudo vale ressaltar que 40% dos mesmos ponderaram as relações como “mais ou menos” e 11% como “péssima ou ruim”, representando percentual expressivo de relações com potencialidade para desencadear situações de agressão e violências (ABRAMOVAY, 2005).

No que concerne aos atos de violência em si, 64% dos estudantes informaram o sofrimento de xingamentos no último ano; estratificando-se por sexo, 75% dos escolares do sexo masculino sofreram este tipo de agressão enquanto no grupo de escolares do sexo feminino a porcentagem apresentou-se de 55%. O fato de sofrer xingamentos associou-se de maneira forte com a classificação do nível de violência em cada escola, escolas consideradas como muito ou muitíssimo violentas obtiveram os maiores percentuais de alunos que declararam sofrer essas agressões verbais, cerca de 75% de todos os alunos (ABRAMOVAY, 2005).

Outro aspecto de expressiva relevância com caráter preponderante nas escolas brasileiras trata-se dos furtos na escola, considerada tanto por alunos quanto por professores como ação de ocorrência comum no meio escolar. A nível brasileiro, em média, 69% dos escolares relatou ter ciência de roubos na escola, o que equivale a 1.149.318 estudantes (ABRAMOVAY, 2005).

De maneira geral, no Brasil, a violência na comunidade escolar se manifesta marcada pela normalização dos atos o que tem atingido diretamente as relações de convivência entre os alunos, enfraquecendo a coesão social e estimulando as incivildades e agressões mútuas. O cenário acentua-se com a presença de disputas e rixas entre grupos e gangues que além de criarem tensões nos atores escolares, comprometem as normas disciplinares, danificam as relações sociais e a efetividade do ensino (ABRAMOVAY, 2005).

Mundialmente a violência escolar se expressa de maneira diversificada, cada contexto político, econômico e social mostra-se como pano de fundo do mesmo fenômeno que se manifesta em conformidade aos elementos culturais e peculiaridades atrelados a sociedade na qual se insere. A partir do panorama geral da violência envolvendo os componentes escolares têm-se evidências significativas da inerência deste fenômeno nas relações entre os atores escolares em diversas nações tornando-o um grande problema educacional, social e de saúde.

3.2 CONCEITUAÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

A conceituação do termo “violência escolar” permanece em debate, não há consenso na literatura científica acerca da significação do mesmo, autores da área, por meio de estudos específicos, têm tentado avançar na construção do conceito propondo teorias, definições e apontando as dificuldades, a exemplo de Abramovay e Rua (2002) e Debarbieux e Blaya (2002).

A necessidade desse aprofundamento teórico e empírico emergiu do impasse percebido para se adotar um conceito comum. O enfrentamento inicia-se na própria acepção do que se considera como violência, logo que, se trata de um fenômeno complexo, polissêmico e controverso. A complexidade se dá pela violência se originar e se desenvolver na vida em sociedade imbricada nas estruturas econômicas, sociais, políticas e nas consciências individuais; polissêmica no sentido de deter possibilidade de diversos entendimentos culminando na controvérsia alimentada pela variabilidade de teorias, definições e classificações (MINAYO; SOUZA, 1998).

A definição de violência em si emana da multidimensionalidade que a cerca, pois, conforme Minayo (2005) reduzir a noção de violência de forma simplista e imutável representa evidenciá-la sem considerar ou mal considerar a evolução e a especificidade histórica da mesma. Assim, esforços teóricos foram demandados ao longo dos anos na confecção do sentido correspondente a este fenômeno.

Para uniformizar mundialmente o conceito, a Organização Mundial da Saúde (OMS) conceitua violência enquanto o ato que usa da força física ou poder, de maneira concreta ou por meio de ameaça, direcionada a si próprio, a outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade com potencial de produzir ou produzindo lesão, dano psicológico, morte, déficit de desenvolvimento ou privação (OMS, 2002).

Mesmo considerada a definição universal, a conceituação supracitada da OMS remete a violência a algo explícito, ou seja, possível de ser percebido, no entanto, há faces da violência que se manifestam na invisibilidade (STELKO-PEREIRA, 2012). Nesse sentido, a violência não se exhibe na totalidade em atos, relações e fatos que sejam identificáveis com facilidade, por muitas vezes, o ato violento pode se insinuar despercebidamente como uma ação naturalizada, incrustada na ordem cotidiana (ODALIA, 2004).

A partir da compreensão ampla a cerca da violência como produto do contexto social, econômico, e histórico, expressada no exercício de cada relação de poder inserida nas relações sociais que compõem o meio social, observa-se a inter-relação deste fenômeno com o sistema simbólico associado à determinada cultura. Essa compreensão fundamenta o conceito de violência simbólica, a qual aparece, especialmente, na violência escolar (SOUZA, 2012).

Em conformidade às ideias de Bourdieu e Passeron (2001), por violência simbólica no contexto escolar compreende-se a imposição e o poder arbitrário, fruto de uma determinação cultural que pré-estabelece hábitos e condutas. A violência simbólica pauta-se na coerção em que dominado é concedido ao dominante em uma relação naturalizada, na qual a dominação incorpora-se sutilmente (BOURDIEU, 2001).

Na escola, a violência simbólica se expressa: pelo abuso de poder mediante símbolos de consentimento e imposição que caracterizam a autoridade; pela verbalização e pela ação institucional de marginalização e discriminação utilizadas como estratégias de poder, manifestadas nas relações de poder entre professores e alunos e entre os próprios alunos nas discriminações, principalmente, de gênero e raça (ABRAMOVAY, 2002).

Assim sendo, pode-se expor duas linhas de estudo na apreensão do que concerne a violência escolar, uma que a interpreta pelo prisma da pesquisa quantitativa de maneira mais objetiva e precisa, representada pelos estudos americanos, ingleses e escandinavos; enquanto a outra, pauta-se nos estudos franceses, abordando qualitativamente o fenômeno numa perspectiva de ampliação do conceito (STELKO-PEREIRA, 2012). Desse modo, a diversidade de diálogos caracteriza a sistematização do processo.

Preliminarmente, perante as diversificações existentes, se faz relevante evidenciar uma acepção que distingue a violência *na* escola, *à* escola e *da* escola. A violência *na* escola trata-

se daquela que ocorre dentro do espaço escolar sendo a escola somente o local de ocorrência de uma violência que poderia ter se dado fora da mesma. A violência *à* escola vincula-se as ações violentas direcionadas contra a instituição escolar (patrimônio) ou aqueles que a representam (professores), esta muitas vezes encontra-se associada à violência *da* escola, esta refere-se à violência simbólica e institucional praticada pela maneira como a instituição e seus agentes tratam os alunos (CHARLOT, 2002).

Outros aspectos foram explorados no processo de definição, um deles alude à localização geográfica, a violência escolar pode ocorrer no espaço físico da escola, do mesmo modo, no entorno ou no trajeto da escola para casa, como extensão da violência iniciada no interior da escola, e até no espaço virtual (FURLONG; MORISSON, 2000) sendo assim, a diversidade de localidades de manifestação da violência escolar alerta para não se fundar a definição deste evento somente a partir da localização (STELKO-PEREIRA, 2012).

Adicionalmente à definição, estabelece-se os atores envolvidos nos eventos violentos escolares. Os alunos e os professores são elementos essenciais e compõem maior parte das relações violentas, porém, compreendendo a violência como qualquer relação interpessoal violenta, há outros atores participantes, a exemplo dos diretores, funcionários e pais. Além dos indivíduos envolvidos, considera-se a própria instituição escolar como ator integrante da violência escolar (WILLIAMS, 2003; STELKO-PEREIRA, 2012).

Esses indivíduos podem exercer diversos papéis no evento da violência escolar, sendo autores de atos de violência, vítimas da violência, ou testemunhas desses atos violentos, ressaltando-se a possibilidade de alterações desses papéis diante dos casos de violência (STELKO-PEREIRA, 2012). Destaca-se o papel da testemunha nos casos de violência como potenciais contribuidores para desencadear ou agravar o ato violento à medida que podem incentivar ou, somente, pelo fato de observar instiga a demonstração violenta do agressor (STUEVE et al., 2006).

O próprio conceito de vitimização enquanto processo remete a concepção da posição de vítima como historicamente e socialmente contextualizada com significados amplos mesmo se manifestando aparentemente de modo isolado. Apesar da distinção que se construiu entre agressor e vítima, esta relação, muitas vezes, possui estreita intimidade, produzindo entre as pessoas envolvidas uma relação de cumplicidade, complementariedade e alternância de papéis (SÁ, 1998).

Em complemento a esses apontamentos referentes aos elementos constitutivos da violência escolar, a definição aprofunda-se na caracterização dos atos violentos. A OMS definiu tipologicamente a violência em geral, o que recai na violência escolar compreendendo-a como

inserida na concepção ampla de violência, tal tipologia pauta-se na violência física, psicológica, sexual e negligência (OMS, 2002).

A violência física compreende atos que afetam a integridade física, como tapas, empurrões, chutes, beliscões, socos e etc.; a violência psicológica remete a ações de cunho danoso ao psicológico e/ou emocional exemplificada por ameaças, provocação de medo, degradação verbal por meio de inferiorização ou ridicularização; a violência sexual refere-se a atos contra a sexualidade do indivíduo, ou seja, sem consentimento do outro, praticar carícias, manipulação de genitália, ânus ou mama, produzir atos pornográficos ou exibicionismo, perpetrar ato sexual com ou sem penetração, com ou sem uso de força física; e negligência caracteriza-se por omissão frente às necessidades do outro ou o ato de não evitar situações de perigo ao outro (OMS, 2002). Adiciona-se a essa classificação a violência contra o patrimônio ou violência material envolvendo atos de degradação de materiais de instituições ou de pessoas e a ação de roubar (STELKO-PEREIRA, 2012).

A categorização proposta por Abramovay (2005), subdivide os atos de violência escolar em violência verbal e não verbal. A primeira compreende ofensas, xingamentos, discussões e o uso da fala para expressão grosseira, a segunda abarca agressões físicas, roubo, destruição material. Neto e Saavedra (2003), classificam a violência escolar em direta e indireta, sendo a direta compreendida pelas ações que produzem danos físicos (chutes, empurrão, socos) ou verbais (xingamento, apelidos), enquanto a indireta diz respeito a ações com o intuito de discriminar ou excluir socialmente o sujeito.

Outra dimensão que perpassa a definição de violência escolar assenta-se no debate teórico com foco nas incivildades, indisciplina, e transgressões enquanto elementos integrantes da violência escolar. Ao designar o que representa violência escolar se faz necessário estabelecer os limites do que seriam atos de violência escolar, se por um lado, reconhece-se como violência escolar somente os atos cabíveis de punição penal restringe-se a identificação da violência associada apenas aos atos mais graves, enquanto, as ações violentas sutis ficariam despercebidas, por outro lado, reprimir todas as ações considerando-se desde as violências mais tênues, sugere a limitação da livre expressão (DEBARBIEUX, 2002).

As incivildades, conforme Charlot (2002) referem-se aos comportamentos que infringem as regras de boa convivência, desse modo não são consideradas delitos ou crimes, abarcam os comportamentos que desencadeiam quebra na ordem do cotidiano. Enquanto as transgressões dizem respeito a atitudes contrárias às regras e normas da escola.

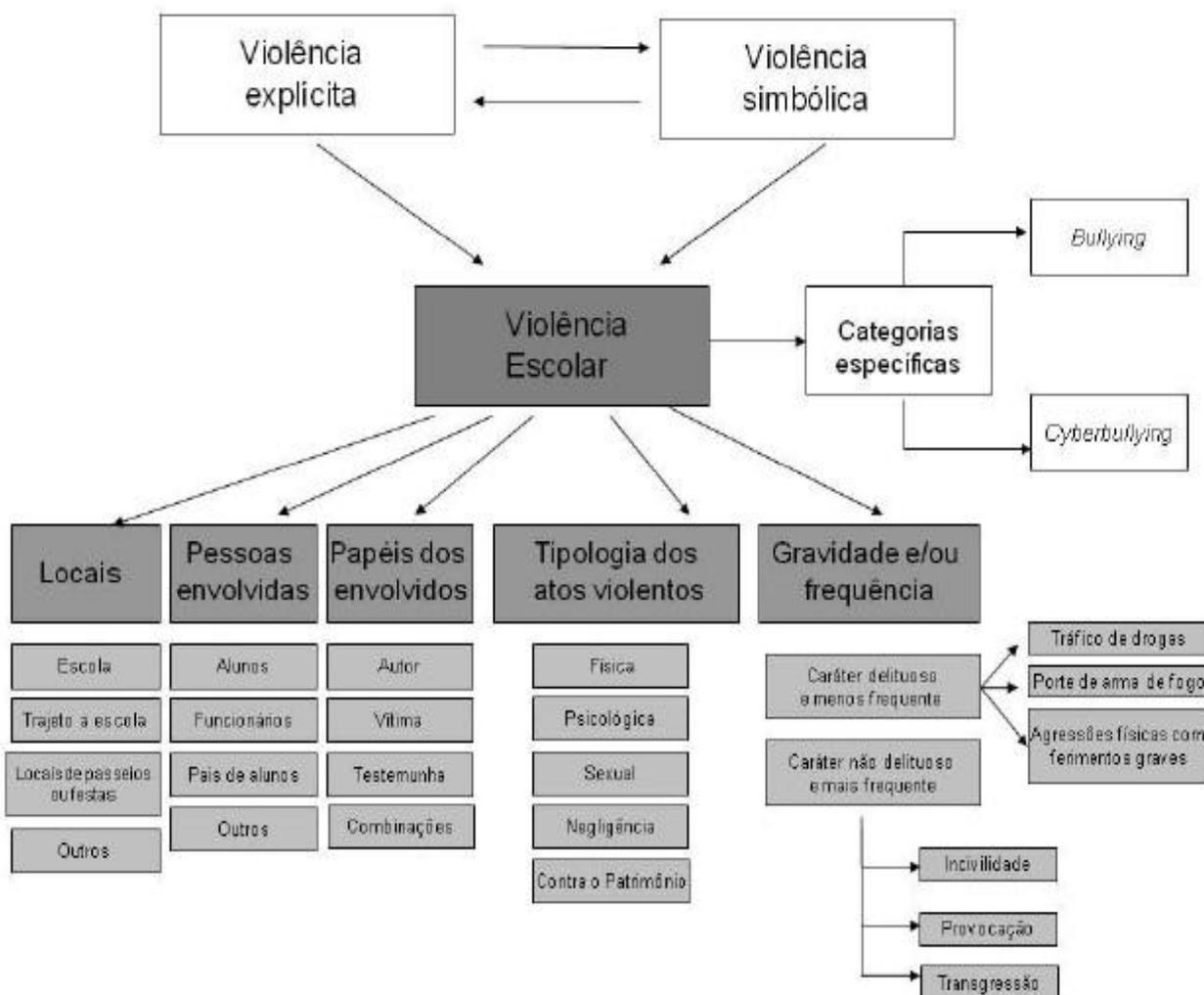
Diante das definições destas situações que integram o cotidiano escolar, alguns autores (CHARLOT, 2002; DEBARBIEUX, 2002; ABRAMOVAY E RUA, 2002) defendem a

inclusão das mesmas no que concerne o conceito de violência escolar compreendendo-se que o acúmulo de situações leves podem ser os degraus para o ápice da violência grave, além de que esses pequenos eventos como as pequenas brigas, provocações, ameaças ocorrendo de maneira diária ou recorrente podem ser tão danosas quanto um único evento grave.

Por esta perspectiva, a violência escolar abarca desde situações “corriqueiras” do cotidiano escolar a circunstâncias graves de agressão explícita. Nesse amplo espectro, cabe ao pesquisador estabelecer definições que se adequam a proposta e a compreensão que o mesmo apreende acerca da violência escolar, delimitando aspectos relativos ao enfoque, ao local, aos atores, as configurações da violência e as especificidades (STELKO-PEREIRA, 2012).

Frente ao exposto, pode-se resumir a ampla conceituação da violência escolar através do seguinte fluxograma proposto por Stelko-Pereira (2012), o qual representa os elementos que compõem o evento englobando as diversas possibilidades de entendimento do termo.

Figura 1 – Esquema de conceituação da violência escolar



Fonte: STELKO-PEREIRA, 2012

3.3 INTENSIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

Os atos violentos, usualmente, são singulares, logo que cada evento mostra-se por uma configuração particular a partir das peculiaridades do momento, dos atores envolvidos, da motivação, da localização e do tipo de violência praticada. Entretanto, quando os atos violentos com configuração semelhante se repetem, o evento cessa o caráter único e assume uma categoria, em relação à violência escolar tem-se o *bullying* e o *cyberbullying* como categorias enquanto componentes de intensificação da violência escolar (STELKO-PEREIRA, 2012).

Compreende-se por *bullying* todas as formas de atitudes agressivas, de caráter intencional e repetitivo, com ausência de motivação evidente, praticadas por um ou mais escolares direcionadas a outro(s), por meio de humilhação, angústia e dor pautadas em um relação desigual de poder (LOPES NETO, 2005; CRUZEIRO et al., 2008). Mundialmente no campo científico considera-se três elementos imprescindíveis a caracterização do *bullying*: a repetição, o prejuízo e a desigualdade de poder (BERGER, 2007).

O *cyberbullying* considera-se como uma extensão do *bullying*, caracteriza-se pelo ato repetitivo de causar dano a outro, produzindo humilhação e perseguição através de tecnologias eletrônicas, especialmente, celular e computador. Nessa versão da violência escolar, a agressão ultrapassa a noção de espaço e tempo, pois o meio virtual se torna o ambiente de produção da violência (STELKO-PEREIRA, 2012).

O *bullying* tem se anunciado cada vez mais nas relações violentas entre crianças e adolescentes no ambiente escolar a nível mundial. Estudo desenvolvido em 27 países com estudantes revelou que a maioria dos jovens participantes da pesquisa, principalmente, na faixa etária de 13 anos de idade, se envolveu em atos de *bullying* por algum tempo do período escolar (WHO, 2002).

Em pesquisa brasileira desenvolvida pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA), este fenômeno escolar configurado pelas situações de maus-tratos repetitivos atinge em média mais de um terço dos escolares. No Brasil, a problemática encontra-se com taxas significativamente elevadas de ocorrência de vitimização e agressão em comparação a outros países, configurando o *bullying* como expressão marcante da violência escolar neste país (LOPES NETO, 2005; SEIXAS, 2005).

Os agentes praticantes do *bullying* caracterizam-se, na maior parte, por indivíduos do sexo masculino, filhos de pais que não possuem união estável e consumidores de drogas. Assim, as meninas predominam o grupo das vítimas e testemunhas. Tal constatação, no entanto, não representa indicativo de que os meninos sejam mais agressivos que as meninas, apenas que eles apresentam maior probabilidade de inserção em situações de *bullying* (ROMANÍ, GUTIÉRREZ E LAMA, 2011).

Autores explicam essa divergência quanto à execução do *bullying* entre os sexos, pelo fato dos meninos encontrarem-se em uma fase de competição e prestígio, tornando-se adeptos a comportamentos mais arriscados em comparação às meninas. As diferenças entre os sexos se estendem igualmente ao tipo de *bullying* praticado; os alunos do sexo masculino, predominantemente, praticam a forma física direta, enquanto os alunos do sexo feminino se

envolvem mais em situações de agressão verbal e exclusão (JANSEN et al., 2012; RECH et al., 2013).

Outro aspecto que assinala as vítimas e agressores envolvidos no *bullying* se refere à idade. Geralmente, os mais novos tendem a se tornar vítimas enquanto os mais velhos comportam-se como agressores. Um estudo delineado no Sul brasileiro quantifica essa relação declarando que os escolares com idade entre 13 e 14 anos apresentam 86% mais chances de se tornarem agressores comparados aos escolares com 11 e 12 anos (RECH et al., 2013).

No que se refere aos tipos de *bullying*, estes se pautam basicamente em quatro grupos de repetidas situações de agressões. O *bullying* verbal, mais comumente executado, praticado por meio de apelidos, insultos, deboches, ameaças; o físico, ocorre como o segundo mais rotineiro explicitado por agressão física evidente, empurrões, chutes, golpes, roubos, e ameaças com armas; há ainda os comportamentos de exclusão, que visam prejudicar as relações dos alunos com outros ou a posição social manifestado através de indiferença diante da presença da vítima, exclusão de grupos de amizade e de brincadeiras; e por fim, a extorsão a fim de adquirir dinheiro ou algo alheio. Apesar de identificar-se o *bullying* verbal como mais recorrente, o mesmo, na maioria das vezes, não é percebido na escola e pela família, à medida que não se torna evidente como a agressão física, entretanto, silenciosamente produzem marcas tão graves quanto (BANDEIRA; HUTZ, 2012; HUI; TSANG; LAW, 2011).

Na literatura científica, percebe-se significativa variação da ocorrência de *bullying* nos diversos países. Um dos condicionantes à tamanha variação pode ser explicado pela variabilidade de instrumentos de verificação e análise do fenômeno. A ocorrência de vitimização de escolares apresentou-se, minimamente, em 4% em estudo desenvolvido nos países baixos da Europa, enquanto atingiu o pico máximo em 67,5%, verificada em estudo brasileiro. Quanto à ocorrência de agressão, a variação identificou-se de 5,3% entre estudantes turcos a 54,7% entre escolares brasileiros (BANDEIRA; HUTZ, 2012; SEVDA; SEVIM, 2013).

Outro aspecto que pode estar influenciando na divergência de informações sobre o *bullying* entre os países figura-se no seu caráter temporal. Campos e Jorge (2010), afirmam que o evento tem continuidade no tempo, desse modo as vítimas são marcadas, observadas e vigiadas. Os estudos adotam diferentes critérios para o ponto de corte que estabelece a frequência mínima capaz de considerar o caso de violência escolar como um evento de *bullying*; entre eles, a) o uso de escalas validadas que possuem análise de dados e ponto de corte próprio; b) análise estatística direcionada ao estudo específico construindo-se um ponto de corte exclusivo a referida pesquisa.

Diante dos dados empíricos, destacam-se números preocupantes de ocorrência de *bullying* nas escolas, tendo em vista que há alta proporção de envolvidos nas situações agregando-se vítimas e agressores. Vale ressaltar, ainda, o potencial dos agressores de disseminarem as agressões entre os colegas, logo que, um agressor detém a capacidade de atingir diversas vítimas escolares (MATOS; GONÇALVES, 2009).

Nessa perspectiva, o *bullying*, atualmente, apresenta-se integrante ao cotidiano escolar promovendo implicações e efeitos negativos em vítimas e agressores no cenário educacional, de saúde e familiar, caracterizando-se como um ato vicioso ao ponto que sua ação é considerada normal e reproduzível pelos escolares, o que alimenta um ciclo cada vez mais complexo de ser abordado (ROMANÍ; GUTIÉRREZ; LAMA, 2011; AVILÉS-DORANTES; ZONANA-NACACH; ANZALDO-CAMPOS, 2012).

3.4 FATORES ASSOCIADOS À VIOLÊNCIA ESCOLAR

Os fatores associados ao fenômeno da violência escolar e os problemas de vitimização classificam-se em quatro grupos de aspectos: individuais, familiares, escolares e sociais. O entendimento dos elementos contribuidores para a violência escolar parte da combinação e interação de diferentes aspectos que envolvem os indivíduos e seus contextos de socialização (ESTÉVEZ; JIMÉNEZ; MUSITU, 2008).

Por esta perspectiva, assume-se como modelo explicativo do fenômeno da violência escolar para analisar as causas do comportamento violento na adolescência, o sistema bioecológico defendido por Brofenbrenner (1996). Este modelo bioecológico do desenvolvimento humano compreende a determinação de um fenômeno a partir da interação e interseção entre o microsistema, mesosistema, exosistema e macrosistema (BROFENBRENNER, 1996).

No nível de fatores individuais (microsistema) associados ao comportamento violento, inserem-se os componentes biológicos, genéticos e psicológicos. A associação entre genes e comportamento agressivo caracteriza-se, ainda, como uma questão em debate, entretanto, há consenso científico da inexistência de determinismo genético direto a características comportamentais e psicológicas do indivíduo (ESTÉVEZ; JIMÉNEZ; MUSITU, 2008).

Assim, defende-se uma abordagem interativa entre a genética e as características contextuais, logo que a violência diferentemente da agressividade, característica inerente ao ser humano, entende-se como um comportamento intencional humano mediado por processos de

socialização, e conseqüentemente, pelos agentes sociais, tais como a família, a escola e os meios de comunicação de massa (ESTÉVEZ; JIMÉNEZ; MUSITU, 2008).

No segundo nível de fatores (mesosistema), a família representa elemento essencial de socialização e influência no comportamento humano. Estudos demonstram que um ambiente familiar negativo possui substancial interferência no desenvolvimento das habilidades sociais de crianças, entre elas, a capacidade de identificar soluções não-violentas para problemas interpessoais (DEMARAY; MALECKI, 2002; LAMBERT; CASHWELL, 2003).

O contexto familiar, além de fornecer o suporte para o desenvolvimento de comportamentos sociáveis, estimula a utilização dessas condutas nas interações com seus pares, ou seja, com as outras crianças e/ou adolescentes (ESTÉVEZ; JIMÉNEZ; MUSITU, 2008). Estudos apontam que um ambiente positivo na família desencoraja as crianças e adolescentes a buscar reconhecimento social em outros contextos, e conseqüentemente, desenvolver comportamento agressivo, entendendo-se que escolares agressivos demonstram necessidade de reconhecimento social, e portanto, agem de maneira socialmente diferente fazendo uso da violência para com os colegas (RODRÍGUEZ, 2004; BARRY, 2006).

Dificuldade de interação entre os membros familiares mostra-se como fator de risco para comportamento violento e socialmente inadequado de adolescentes. Pesquisas evidenciam que má comunicação entre os pais, ausência de coesão e apoio dos mesmos destinados aos filhos produzem efeito relevante no aparecimento de problemas de comportamento no período da adolescência (LAMBERT; CASHWELL, 2003; DEKOVIC; WISSINK; MEJIER, 2004).

A escola (exosistema), juntamente com a família, exerce papel fundamental no processo de socialização do indivíduo, à medida que possui o potencial de tornar este intelectualmente reflexivo, comprometido socialmente, cidadão de direitos e deveres, ético e psicologicamente saudável a partir das relações com novos grupos sociais no meio escolar entre colegas e com adultos (ESTÉVEZ; JIMÉNEZ; MUSITU, 2008).

No que concerne os fatores relativos ao contexto escolar, salienta-se, inicialmente, o ambiente da sala de aula como espaço de base para a construção de relações entre os pares e destes com os professores; deste modo, a qualidade das interações no interior da sala de aula configura-se como elemento essencial no ajustamento psicossocial de crianças e adolescentes, logo que o ambiente da sala de aula torna-se reflexo dos sentimentos positivos ou negativos decorrentes da interação de todos os componentes (BLANKEMEYER; FLANNERY; VAZSONYI, 2002; REINKE; HERMAN, 2002).

Estudos comprovaram que algumas características intrínsecas às instituições de ensino favorecem comportamentos violentos nas escolas. Pode-se citar, de modo geral: salas de aula

superlotadas, falta de regras claras de comportamento e posicionamento autoritário do professor (HENRY et al., 2000). De modo mais específico, Cava e Musitu (2002) elencam: incentivo a atividades competitivas entre estudantes, rejeição social sofrida por alguns alunos, naturalização das situações de violência e maus-tratos entre os alunos, escassez de estímulo às relações interpessoais e pouco incentivo a resolução dos problemas de forma pacífica.

Desta forma, os professores detêm papel expressivo frente ao problema da violência na escola. Estudos apontam que quando os professores estabelecem contatos positivos com os alunos mediante atenção individual, tratamento pautado no respeito e na cooperação e suporte educacional o comportamento agressivo tende a diminuir nas salas de aula. Igualmente, ocorre o contrário, professores que negligenciam os alunos, os tratam com desrespeito e autoridade há tendência de promoção da agressividade nas salas de aula (MEEHAN; HUGHES; CAVELL, 2003; REDDY; RHODES; MULHALL, 2003). Portanto, a interação entre alunos e professores contribui potencialmente na expressão da violência nas escolas (BLANKEMEYER ET AL., 2002; MURRAY; MURRAY, 2004).

Além dos elementos relacionados à família e a escola, aspectos maiores também são considerados contextos de influência na socialização dos indivíduos e na manifestação da violência. Estes se expressam pelos elementos sociais e culturais (macrosistema) atrelados aos valores, crenças e atitudes transmitidos na sociedade. Bem como, a própria vulnerabilidade social e econômica que assola os grupos menos favorecidos e desencadeiam situações como o desemprego, desestabilidade familiar, uso de drogas, exclusão social, situações estas que perpassam o ambiente escolar por meio dos próprios escolares impulsionando as condutas propensas a violência na escola (ESTÉVEZ; JIMÉNEZ; MUSITU, 2008; ABRAMOVAY; RUA, 2002).

3.5 IMPLICAÇÕES DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

A violência em si, comporta-se como um fenômeno inerente à experiência humana, sendo compreendida pelo caráter sóciohistórico, não podendo ser considerada objeto próprio do domínio da saúde. Todavia, torna-se um problema de saúde à medida que atinge a saúde individual e coletiva e exige políticas e estratégias específicas peculiares ao setor com vistas à prevenção e ao tratamento (MINAYO, 2005a).

Por este sentido, a violência insere-se no campo da saúde, primeiramente, ao passo que impacta na qualidade de vida das pessoas, através de lesões físicas, psíquicas, morais e

espirituais demandando atenção e cuidados específicos dos serviços de saúde; como também, afeta o amplo conceito destinado à saúde que inclui a construção e manutenção de uma vida saudável (MINAYO, 2005b).

Portanto, a violência acomete a saúde, pois representa um risco ao processo vital do ser humano, logo que ameaça a vida humana, acarreta enfermidades e promove a possibilidade próxima da morte ou a efetivação da mesma (AGUDELO, 1990). A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) diante da capacidade de produção de sequelas físicas e emocionais trata este evento como um problema de saúde pública em vários países, incluindo o Brasil (ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE, 1994).

No tocante à violência escolar, os comprometimentos envolvem a multidimensionalidade do próprio problema, abrangem desde a identidade da escola em sua coletividade aos aspectos individuais físicos e psicológicos dos atores escolares. Dessa forma, instâncias violentas na escola não restringem os efeitos apenas às pessoas envolvidas nos casos, bem como detém a possibilidade de interferir no processo educacional, afetar a própria escola e a comunidade na qual está inserida (DEBARBIEUX; BLAYA, 2002).

A escola enquanto ambiente destinado à sociabilidade positiva, ao aprendizado dos princípios éticos e formação crítico reflexiva dos sujeitos, se deslegitima diante das ações de violência, tendo em vista a capacidade de força contrária às premissas da escola que a violência carrega. Assim, as situações de violência repercutem na aprendizagem e na qualidade do ensino atingindo alunos e professores (ABRAMOVAY; RUA, 2002).

O estudo brasileiro de Abramovay e Rua (2002) demonstrou que, aproximadamente, metade dos alunos participantes da pesquisa declaram a ausência de capacidade de concentração na aprendizagem em detrimento as violências no ambiente escolar. Outro aspecto mencionado pelos escolares como consequência deste fenômeno pautou-se na perda de interesse em ir para a escola com percentual variando de 27% a 34% entre as capitais brasileiras. Estudos americanos corroboram o baixo rendimento escolar e o abandono da escola como consequências da violência no espaço escolar (MACMILLAN; HAGAN, 2004; WEI; WILLIAMS, 2004).

Em complemento, têm-se os efeitos que alcançam o corpo técnico-pedagógico. A principal consequência a este grupo foca-se na perda de estímulo para o trabalho, em segundo patamar citam o sentimento de revolta; e por fim, dificuldade para se concentrar durante as aulas. Estes efeitos têm impulsionado, especialmente, os professores a se transferirem para ambientes escolares considerados mais seguros, o que ocasiona defasagem de professores nas escolas consideradas mais violentas (ABRAMOVAY E RUA, 2002).

Além do campo da coletividade, no âmbito individual, a violência decorre em implicações agudas e/ou duradouras nos atores escolares, sobretudo, alunos e professores. Na qualidade de vítimas, os alunos convivem com a solidão, depressão e dificuldades de adaptação ao meio social (STORCH et al., 2003), produzindo efeitos na sociabilidade o que acarreta a propensão à evasão escolar (RINGWALT, ENNETT; JOHNSON, 2003) e admissão de comportamentos futuros violentos (NANSEL et al., 2003; ROBERS et al., 2012).

Outros estudos comprovam que estudantes que sofrem intimidação na escola tendem a possuir menos amigos, demonstrando maior tendência à depressão, à redução da autoestima, e a apresentação de queixas físicas e psicossomáticas tornando-se indivíduos suscetíveis a desenvolver problemas de saúde psíquica, sociabilidade e desempenho acadêmico (HAWKER; BOULTON, 2000). Uma porcentagem variando de 28% a 39% de estudantes brasileiros asseguraram desenvolver sensações de nervosismo e revolta diante das situações de violência na escola (ABRAMOVAY; RUA, 2002), aspectos emocionais que se acumulam desenvolvendo quadros de estresses agudos ou crônicos.

Segundo estudo de meta-análise (HAWKER; BOULTON, 2000) que expôs conclusões em relação às implicações da violência escolar, a vitimização mostrou-se fortemente associada à depressão, moderadamente relacionada à autoestima social e fracamente associada à ansiedade. Destas inferências, debates de causa e efeito emergiram, colocou-se em questão se a depressão seria efeito da vitimização, ou condicionante de suscetibilidade da mesma; entretanto, estudo retrospectivo constatou impactos de longo prazo da violência escolar na vida de adultos e estudos longitudinais evidenciaram a ocorrência das duas situações no processo de relação entre violência escolar e vitimização (DEBARBIEUX; BLAY, 2002).

Assim sendo, os efeitos alcançaram desde danos emocionais leves a possibilidade de atingir o ápice da violência autoinfligida, o suicídio. A cada ano uma porcentagem considerável de jovens comete suicídio no Reino Unido tendo a intimidação por colegas como uma das causas do comportamento de autodegradação (HAYDEN; BLAYA, 2002).

Para os professores, os incidentes de vitimização geram desencanto profissional que acarreta em sentimentos de desilusão pessoal e com o magistério, alcançando até o afastamento definitivo da profissão (KARCHER, 2002; SMITH; SMITH, 2006).

Quando se restringem as repercussões aos casos de *bullying*, as crianças que sofrem essa dimensão da violência escolar tendem a sofrer depressão e baixa autoestima quando adultos, já os agressores do *bullying* carregando um risco apresentar comportamentos antissociais na idade adulta, instabilidade no trabalho e nos relacionamentos afetivos (LOPES NETO, 2005).

Ser vítima de *bullying* predispõe o aparecimento, além dos indícios emocionais que abarcam isolamento, irritabilidade, ansiedade, depressão, pânico, insegurança, medo e atos deliberados de autoagressão, também sinais e sintomas clínicos, destes os principais observados em alunos alvos de *bullying*, envolvem alterações de sono, dor epigástricas, cefaleia, vômitos, síndrome do intestino irritável, perda de memória, queixas visuais, desmaios, paralisias e hiperventilação (LOPES NETO, 2005).

4 MATERIAL E MÉTODO

4.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de um estudo transversal com abordagem indutiva e técnica de observação direta extensiva (ROUQUAYROL; SILVA, 2013; LAKATOS; MARCONI, 2007).

4.2 LOCAL DA PESQUISA

O estudo se desenvolveu no município de Campina Grande, segunda maior cidade do estado da Paraíba. Conforme o censo de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o referido município apresentava uma população de aproximadamente 385.213 habitantes, com estimativa para o ano de 2013 de 400.002 habitantes. Com 594,182 km² de extensão territorial, Campina Grande localiza-se no agreste paraibano acima do Planalto da Borborema, há 120km da capital do estado, João Pessoa (IBGE, 2010). O município encontra-se na 2^a macrorregião de saúde sendo dividido em zona urbana e rural segmentadas por seis Distritos Sanitários de Saúde. No que se refere à educação subdivide-se em 13 núcleos municipais de educação no quais estão distribuídas as escolas municipais, sendo 34 rurais e 86 urbanas, destas últimas 13 são escolas municipais com turmas do 4^o ciclo educacional (6^o ao 9^o ano) e 52 com apenas turmas até o 3^o ciclo (1^o ao 5^o ano).

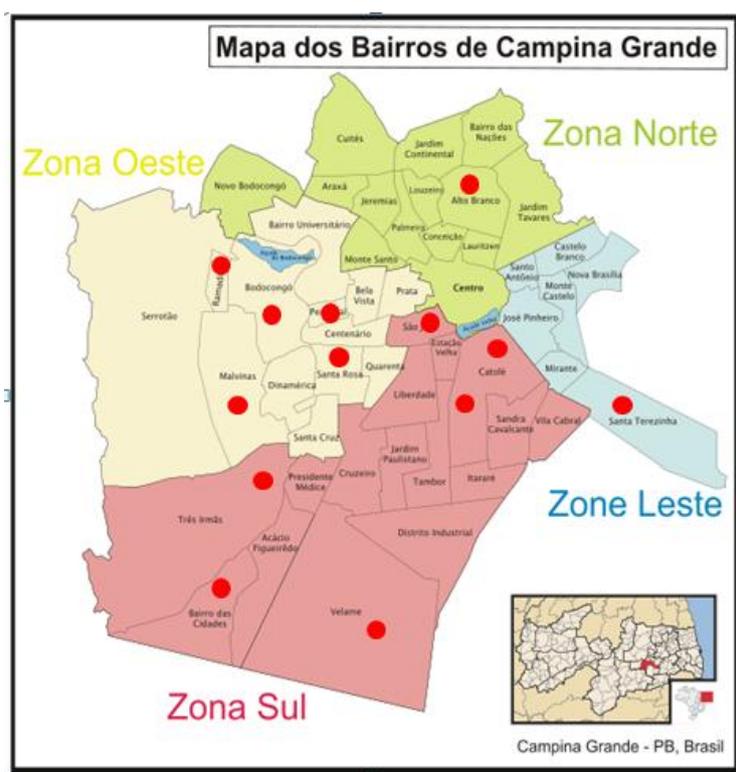
Figura 2: Mapa da Paraíba por Macrorregiões de Saúde.



Fonte: Secretaria de Saúde do Estado da Paraíba, 2012.

Identificou-se que no município de Campina Grande existiam treze escolas municipais de ensino fundamental com turmas do 6º ao 9º ano, sendo doze incluídas na coleta de dados e uma destinada ao estudo piloto. Observa-se a distribuição geográfica das escolas municipais abordadas na figura 4, abaixo.

Figura 4 – Distribuição de Escolas Municipais de Ensino Fundamental com turmas do 6º ao 9º ano



Fonte: google.com.br

Nas escolas abordaram-se todas as turmas de 6º ao 9º ano a fim de atingir o quantitativo de alunos correspondente à amostra para cada escola, conforme quadro 1. Nas situações em que o número de questionários coletados ultrapassou o número de alunos da amostra, realizou-se uma sorteio aleatório proporcional entre as turmas de 6º ao 9º ano para garantir a representatividade de alunos das quatro séries para compor a amostra.

Quadro 1 – Distribuição Proporcional das Escolas Municipais de Ensino Fundamental Urbanas com turma de 6º ao 9º ano por Distrito Sanitário para Composição da Amostra

	Escolas	Nº de alunos do 6º ao 9º ano	Porcentagem Proporcional (%)	Nº de alunos da amostra	Porcentagem Proporcional (%)
Distrito Sanitário I	E.M.E.F. Frei Dagoberto Stucker	121	4,8	32	4,8
Distrito Sanitário II	Escolas				
	E.M.E.F. Padre Antonino	306	12,0	82	12
	E.M.E.F. Manoel da Costa Cirne	185	7,2	49	7,2
Distrito Sanitário IV	Escolas				
	E.M.E.F. Lyons Prata	150	5,8	39	5,8
	E.M.E.F. Dr. Francisco Brasileiro	240	9,3	63	9,3
	E.M.E.F. CEAI Dr. João Pereira de Assis	217	8,5	58	8,5
	E.M.E.F. Roberto Simonsen (PILOTO)	--	--	--	--
Distrito Sanitário V	Escolas				
	E.M.E.F. CEAI Gov. Antonio Mariz	79	3,1	21	3,1
	E.M.E.F. Maria das Vitórias Uchôa	404	15,7	107	15,7
	E.M.E.F. Henrique Guilhermino Barbosa	160	6,2	42	6,2
	Escolas				
Distrito Sanitário VI	E.M.E.F. CEAI Elpídio de Almeida	240	9,4	63	9,4
	E.M.E.F. Tiradentes	247	9,6	65	9,6
	E.M.E.F. Lafayette Cavalcante	216	8,4	57	8,4
Total		2565	100	678	100

4.5 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Com relação aos escolares foram incluídos na pesquisa os alunos matriculados no 6º, 7º, 8º e 9º anos que os pais ou responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais ou responsáveis (Apêndice A), bem como os escolares que aceitaram participar por meio da assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para os estudantes (Apêndice B) e estiveram presentes na sala de aula no momento da aplicação do instrumento.

Foram excluídas do estudo as escolas municipais que não apresentaram turmas do 6º ao 9º ano em atividade.

4.6 VARIÁVEIS DO ESTUDO

Quadro 2 - Lista de variáveis analisadas no estudo

Características	Variável	Descrição	Categoria	Classificação quanto à mensuração	Classificação quanto ao plano de análise
Vítima de violência escolar provocada por aluno	Vítima de violência por aluno	Sofrer ato violento associado ao meio escolar produzido por outro aluno	Sim, Não	Catégorica Nominal	Dependente
Sóciodemográficas	Idade	Número de anos de vida do escolar no momento da aplicação do instrumento	Em anos	Numérica Discreta	Independente
	Sexo	Diferença física entre as estruturas reprodutivas	Feminino Masculino	Catégorica Nominal	Independente
	Série escolar	Classificação quanto a grade escolar do escolar no momento da aplicação do instrumento	Do 6º ao 9º ano	Catégorica Ordinal	Independente
Vitimização de aluno por aluno	Violência Física	Dano direto ao escolar provocado por meio físico.	Sim, Não	Catégorica Nominal	Independente
	Violência física (frequência)	Dano direto ao escolar provocado por meio físico.	Nenhuma, 1 ou 2 vezes, 3 ou 4 vezes, 5 ou 6 vezes, 7 vezes ou mais	Catégorica Ordinal	Independente
	Violência psicológica	Dano direto ao escolar provocado por meio psicológico.	Sim, Não	Catégorica Nominal	Independente
	Violência psicológica (frequência)	Dano direto ao escolar provocado	Nenhuma, 1 ou 2 vezes, 3 ou 4 vezes,	Catégorica Ordinal	Independente

		por meio psicológico.	5 ou 6 vezes, 7 vezes ou mais		
	Violência material	Dano material direto ao escolar.	Sim, Não	Categórica Nominal	Independente
	Violência material (frequência)	Dano material direto ao escolar.	Nenhuma, 1 ou 2 vezes, 3 ou 4 vezes, 5 ou 6 vezes, 7 vezes ou mais	Categórica Ordinal	Independente
	Violência virtual	Dano direto ao escolar provocado por meio eletrônico/digital	Sim, Não	Categórica Nominal	Independente
	Violência virtual (frequência)	Dano direto ao escolar provocado por meio eletrônico/digital	Nenhuma, 1 ou 2 vezes, 3 ou 4 vezes, 5 ou 6 vezes, 7 vezes ou mais	Categórica Ordinal	Independente
Vitimização de aluno por funcionário	Violência psicológica	Dano direto ao escolar provocado por meio psicológico.	Sim, Não	Categórica Nominal	Independente
	Violência Psicológica (frequência)	Dano psicológico direto ao escolar provocado por funcionário.	Nenhuma, 1 ou 2 vezes, 3 ou 4 vezes, 5 ou 6 vezes, 7 vezes ou mais	Categórica Ordinal	Independente
	Violência material	Dano material direto ao escolar.	Sim, Não	Categórica Nominal	Independente
	Violência material (frequência)	Dano material direto ao escolar provocado por funcionário.	Nenhuma, 1 ou 2 vezes, 3 ou 4 vezes, 5 ou 6 vezes, 7 vezes ou mais	Categórica Ordinal	Independente
	Violência Física	Dano direto ao escolar provocado por meio físico.	Sim, Não	Categórica Nominal	Independente
	Violência física (frequência)	Dano físico direto ao escolar provocado por funcionário.	Nenhuma, 1 ou 2 vezes, 3 ou 4 vezes, 5 ou 6 vezes, 7 vezes ou mais	Categórica Ordinal	Independente

	Violência simbólica	Dano simbólico direto ao escolar provocado por funcionário.	Sim, Não	Categórica Nominal	Independente
	Violência simbólica (frequência)	Dano simbólico direto ao escolar provocado por funcionário.	Nenhuma, 1 ou 2 vezes, 3 ou 4 vezes, 5 ou 6 vezes, 7 vezes ou mais	Categórica Ordinal	Independente
Autoria de aluno contra aluno	Violência Física	Dano direto ao escolar provocado por meio físico.	Sim, Não	Categórica Nominal	Independente
	Violência física (frequência)	Autoria de dano direto ao escolar provocada por meio físico.	Nenhuma, 1 ou 2 vezes, 3 ou 4 vezes, 5 ou 6 vezes, 7 vezes ou mais	Categórica Ordinal	Independente
	Violência psicológica	Dano direto ao escolar provocado por meio psicológico.	Sim, Não	Categórica Nominal	Independente
	Violência Psicológica (frequência)	Autoria de dano direto ao escolar provocado por meio psicológico.	Nenhuma, 1 ou 2 vezes, 3 ou 4 vezes, 5 ou 6 vezes, 7 vezes ou mais	Categórica Ordinal	Independente
	Violência material	Dano material direto ao escolar.	Sim, Não	Categórica Nominal	Independente
	Violência Material (frequência)	Autoria de dano material direto ao escolar.	Nenhuma, 1 ou 2 vezes, 3 ou 4 vezes, 5 ou 6 vezes, 7 vezes ou mais	Categórica Ordinal	Independente
	Violência virtual	Dano direto ao escolar provocado por meio eletrônico/digital	Sim, Não	Categórica Nominal	Independente
	Violência virtual (frequência)	Autoria de dano direto ao escolar provocado por meio eletrônico/digital	Nenhuma, 1 ou 2 vezes, 3 ou 4 vezes, 5 ou 6 vezes, 7 vezes ou mais	Categórica Ordinal	Independente

Comportamento de risco	Fumo	Uso de cigarros no ambiente escolar.	Nenhuma, 1 ou 2 vezes, 3 ou 4 vezes, 5 ou 6 vezes, 7 vezes ou mais	Catagórica Ordinal	Independente
	Álcool	Uso de bebida alcoólica no ambiente escolar.	Nenhuma, 1 ou 2 vezes, 3 ou 4 vezes, 5 ou 6 vezes, 7 vezes ou mais	Catagórica Ordinal	Independente
	Drogas	Uso de drogas (maconha, cocaína, craque, cola) no ambiente escolar.	Nenhuma, 1 ou 2 vezes, 3 ou 4 vezes, 5 ou 6 vezes, 7 vezes ou mais	Catagórica Ordinal	Independente
	Porte de arma branca	Porte de arma branca (estilete, faca) no ambiente escolar.	Nenhuma, 1 ou 2 vezes, 3 ou 4 vezes, 5 ou 6 vezes, 7 vezes ou mais	Catagórica Ordinal	Independente
	Porte de arma de fogo	Porte de arma de fogo (revólver) no ambiente escolar.	Nenhuma, 1 ou 2 vezes, 3 ou 4 vezes, 5 ou 6 vezes, 7 vezes ou mais	Catagórica Ordinal	Independente

4.7 INSTRUMENTO DE COLETA DOS DADOS

O instrumento de coleta de dados utilizado denomina-se *Escala de Violência Escolar (EVE)* (Anexo C). Este caracteriza-se por escala tipo Likert objetivando investigar a frequência e a gravidade da violência escolar, assim como, identificar vítimas e agressores (STELKO-PEREIRA, 2012). Nos itens para verificar frequência da violência escolar, a escala constitui-se na ordem de nenhuma, 1 ou 2 vezes, 3 ou 4 vezes, 5 ou 6 vezes, 7 vezes ou mais.

O instrumento apresenta-se em quatro versões direcionadas para alunos, professores, inspetores e diretores, este estudo pretende utilizar somente a versão destinada aos alunos.

A estruturação do EVE representa a consolidação de um processo de aprofundamento na temática por Stelko-Pereira (2012), logo que o mesmo, inicialmente chamava-se *Questionário de Investigação de Prevalência de Violência Escolar (QIPVE)* sendo desenvolvido com base em dois instrumentos internacionais, UNESCO (2005) e Ministério de Educação e Justiça dos Estados Unidos (United States Departments of Education and Justice, 2006) (STELKO-PEREIRA, WILLIAMS, 2012).

O instrumento passa a ter o nome atual a partir de aprimoramentos os quais se fundamentaram na qualificação da linguagem e mensuração do dado por meio da avaliação das propriedades psicométricas compreendendo análise de consistência interna e análise de componentes principais (confiabilidade interna e validade de conteúdo) (STELKO-PEREIRA, WILLIAMS, FREITAS, 2010; STELKO-PEREIRA, WILLIAMS, 2012).

O EVE para alunos constitui-se de quatro sub-escalas definidas por análise fatorial, são estas: vitimização de alunos por alunos; vitimização de alunos por funcionários da escola; autoria de violência a alunos por alunos; comportamento de risco de alunos (STELKO-PEREIRA, WILLIAMS, 2012).

4.8 ESTUDO PILOTO

Após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba realizou-se estudo piloto com o objetivo de testagem do instrumento: Escala de Violência Escolar; como também, análise das possíveis dificuldades no decorrer da coleta de campo em relação aos escolares, pais de escolares e instituições de ensino, além da calibração dos pesquisadores colaboradores.

Para evitar quaisquer contaminações de informação dos participantes da pesquisa, para esta etapa de estudo piloto selecionou-se por conveniência uma Escola de Ensino Fundamental da zona urbana do município de Campina Grande, Escola Municipal E. F. Roberto Simonsen, a qual não compôs o grupo de escolas participantes do estudo propriamente dito.

O delineamento do estudo piloto se deu mimetizando os procedimentos metodológicos da pesquisa, a fim de se obter o máximo de realidade no teste. A partir do mesmo foi possível, ajustar os procedimentos de coleta de dados com a finalidade de aperfeiçoar a pesquisa.

4.9 PROCEDIMENTO DE COLETA DOS DADOS

Inicialmente, todas as escolas municipais selecionadas foram contatadas pela pesquisadora no intuito de informar a direção da escola sobre a pesquisa, bem como o delineamento, enfatizando as contribuições da mesma e destacando o compromisso em devolver os dados consolidados para as escolas participantes, além de agendar dia e turno da primeira visita dos pesquisadores a escola.

A coleta propriamente dita compreendeu duas etapas, a primeira se referiu a ida às turmas de 6º ao 9º ano de cada escola a fim de justificar a pesquisa e ressaltar a importância da mesma. Como também, informar aos escolares o caráter voluntário e espontâneo de iniciar a participação e de interromper a qualquer momento a colaboração, e esclarecer a segurança do sigilo das respostas garantindo a não divulgação dos dados aos diretores, professores e pais.

Neste primeiro momento, foi exposto o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) aos escolares salientando sua importância e solicitando aos mesmos à assinatura dos pais ou responsáveis. Em cada turma, os TCLE foram distribuídos para todos os alunos que estavam presentes e marcada data, geralmente no dia seguinte, para devolução.

A segunda etapa se constituiu do recolhimento do TCLE assinado e aplicação do instrumento de coleta de dados aqueles escolares com autorização dos pais ou responsáveis, novamente salientou-se a importância da pesquisa e para aqueles que aceitaram participar solicitou-se a assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B).

Antes de entregar os questionários aos escolares, na própria sala de aula, foram fornecidas as instruções de resposta a partir da leitura de uma pergunta de cada bloco, ao aluno que permaneceu com dúvida foi orientado acenar com a mão e o aplicador no momento esclareceria a dúvida para toda a turma, bem como houve momento de orientação individual das dúvidas em cada carteira. Os alunos foram informados que não havia tempo definido para responder as questões e que os mesmos poderiam dispendir o tempo que fosse necessário,

sendo pedida a verificação dos escolares, de todas as respostas, ao final, certificando-se se alguma questão não foi respondida, bem como foi solicitado aos mesmos para não assinalarem mais de uma alternativa.

Dispendeu-se em média cerca de 20 a 30 minutos com a aplicação completa do instrumento em cada turma.

A coleta de dados foi realizada pela pesquisadora responsável e duas pesquisadoras colaboradoras, a equipe de colaboração passou por um processo de calibração interexaminador, a qual desenvolveu-se durante a aplicação do estudo piloto.

Ao final da coleta de dados obtiveram-se 694 questionários respondidos por escolares do 6º ao 9º ano das escolas municipais de Campina Grande, no entanto 16 questionários foram excluídos por ausência de dados ou má preenchimento do questionário, restando ao final 678 questionários que compuseram o banco de dados.

4.10 PROCESSAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

A elaboração do banco de dados e análise estatística fundamentou-se no programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS®), versão 18.0.

Delineou-se a análise descritiva por meio das distribuições absolutas, em percentuais e as medidas estatísticas: média, mediana e desvio padrão a fim de caracterizar a frequência da violência escolar.

Quanto à análise bivariada empregou-se os testes de associação Teste do Qui-quadrado e Exato de Fisher. Quando este não foi adequado para análise das variáveis utilizou-se outros testes cabíveis com vistas à análise dos fatores associados à violência escolar.

Para análise da intensidade da violência escolar, *bullying*, utilizou-se um ponto de corte: mais de quatro vezes de vitimização do mesmo ato de violência escolar, conforme estudo de Wolke et al. (2001).

O nível de significância a ser adotado nos testes estatísticos foi de 5% e intervalo de confiança de 95%.

4.11 ASPECTOS ÉTICOS

O estudo foi registrado na Plataforma Brasil e submetido ao Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba. Em conformidade a Resolução nº466/2012 do Conselho

Nacional de Saúde, aos participantes da pesquisa que compuseram a amostra, por serem menores de 18 anos, foi solicitada a autorização dos pais ou responsáveis por meio de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), bem como o consentimento do próprio escolar através do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B). Nestes documentos constaram as informações referentes ao objetivo da pesquisa proposta, destacando-se a livre participação na pesquisa, bem como o direito de interromper a colaboração no momento que julgar necessário, sem prejuízo ou ônus.

5 RESULTADOS

5.1 ARTIGO 1

VIOLÊNCIA ESCOLAR: VITIMIZAÇÃO E AGRESSÃO ENTRE ADOLESCENTES BRASILEIROS*

Emanuella de Castro Marcolino¹(autor correspondente), Alessandro Leite Cavalcanti²

¹Enfermeira. Mestranda em Saúde Pública. Universidade Estadual da Paraíba. Rua Rosendo Pereira de Lucena, 92, São José, Campina Grande, Paraíba, Brasil. Telefone: +55(83)33228536.
Email: emanuella.de.castro@gmail.com

²Doutor em Odontologia. Docente do Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública. Universidade Estadual da Paraíba. Email: dralessandro@ibest.com.br

*Artigo científico formatado conforme as normas do periódico Journal of School Health com Qualis B1 para a área de Saúde Coletiva e Fator de Impacto de 1,659.

RESUMO

Introdução: A violência escolar pode ser compreendida como os atos ou ações de violência envolvendo comportamentos agressivos, antissociais, conflitos interpessoais e danos ao patrimônio praticados pelos membros da comunidade escolar. O estudo objetivou analisar a frequência de violência escolar entre adolescentes brasileiros com foco nos fatores associados aos comportamentos de vitimização e agressão entre os atores escolares.

Métodos: Estudo transversal com 678 estudantes de 10 e 19 anos de escolas públicas municipais de Campina Grande, Brasil. Foram analisadas as seguintes variáveis: sexo, idade, violência escolar, violência escolar física, psicológica, material, virtual e simbólica; uso de álcool, arma branca e arma de fogo na escola. Utilizou-se a Escala de Violência Escolar (EVE). Os dados foram organizados com o programa estatístico SPSS, sendo utilizado nível de significância de 5% e intervalo de confiança de 95%.

Resultados: A violência escolar foi reportada por 86,3% dos estudantes. As adolescentes foram vítimas de violência psicológica (79,7%), enquanto os adolescentes sofreram maior vitimização por violência física (65,4%) e material (47,9%). Observou-se associação entre a variável “ser agressor” com o “uso de álcool” ($p < 0,001$; $RP = 3,92$ [2,01-7,65]), “portar arma branca na escola” ($p = 0,03$; $RP = 2,17$ [1,08-4,34]), e “portar arma de fogo” ($RP = 17,73$; [2,32-135,02]).

Conclusão: A ocorrência de violência escolar é elevada e envolve, predominantemente, estudantes do sexo masculino, que demonstram comportamento de risco tanto como vítimas quanto como agressores.

Palavras-chave: Violência, Adolescente, Ensino Fundamental.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define violência como o ato intencional de uso da força física ou do poder, de forma direta ou por meio de ameaça, contra si próprio, outro

indivíduo ou a coletividade produzindo a possibilidade ou provocando lesão, morte, dano, deficiência e privação¹. É a tentativa de retomar o poder de forma ilegítima, pela força em atos ou equivalentes simbólicos contra o outro².

A violência juvenil apresenta-se como uma das formas mais evidentes de violência na sociedade acometendo, especialmente, indivíduos com idade entre 10 e 21 anos. Quando se inicia na puberdade com a formação de grupos tende a progredir em termos de gravidade na adolescência, com grande potencial de persistência na vida adulta. Entre adolescentes, a violência surge, primordialmente, nos comportamentos no interior das escolas, tornando a violência escolar um problema social grave e complexo, possivelmente, o mais frequente no que concerne à violência juvenil na atualidade³.

Denomina-se como violência escolar todos os atos ou ações de violência envolvendo comportamentos agressivos, antissociais, conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, crimes, marginalização, discriminações, praticados pelos membros da comunidade escolar que incluem alunos, funcionários, professores e familiares⁴. Nesse sentido, a violência que emana do meio escolar abarca desde situações “corriqueiras” do cotidiano escolar a circunstâncias graves de agressão explícita⁵.

A violência nas escolas, nas últimas décadas, adquiriu dimensão global tornando-se um dos grandes desafios do setor educacional a nível mundial, ganhando cada vez mais espaço no setor da saúde pública pela íntima relação entre violência e saúde, onde a primeira afeta fortemente a segunda à medida que provoca traumas, lesões, morte, diminui a qualidade de vida e exige reconfiguração dos serviços de saúde para a assistência por meio de uma atuação multiprofissional e interdisciplinar⁶.

Nos Estados Unidos, o Youth Risk Behavior Survey (YBRS) demonstrou que 20,1% dos escolares relataram sofrer intimidação no espaço escolar, 12% se envolveu em luta física uma ou mais vezes, e 7,4% dos escolares foram ameaçados ou feridos com arma de fogo ou branca

no interior da escola uma ou mais vezes⁷. No Brasil, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE), em 2012, revelou que 15,9% declararam sofrer agressão física, 7,3% dos alunos se envolveram em brigas com arma branca, 6,4% utilizaram arma de fogo em conflitos escolares e 10,3% referiram ter se ferido seriamente na escola⁸.

Diante deste cenário de ratificação das dimensões globais do fenômeno, destaca-se que as estimativas encontradas de prevalência da violência escolar dependem da população estudada e dos critérios de definição utilizados, havendo ainda, lacunas no conhecimento científico⁹. Entretanto, as pesquisas destacam que a modalidade que mais afeta o cotidiano escolar trata-se, especialmente, da violência protagonizada pelos alunos¹⁰. Desse modo, se faz mister compreender como ocorre a dinâmica do processo de produção da violência escolar e os fatores que alimentam esse fenômeno segundo os contextos regionais, socioeconômicos e culturais.

Frente a esta problemática, o presente artigo objetiva analisar a frequência de violência escolar entre adolescentes brasileiros com foco nos fatores associados aos comportamentos de vitimização e agressão entre os atores escolares.

MÉTODOS

População do Estudo

Estudo transversal conduzido na cidade de Campina Grande, Brasil, que possui aproximadamente 385.213 habitantes¹¹. O município tem 12 escolas municipais com turmas de 6º a 9º ano localizadas na zona urbana, com 2565 alunos na faixa etária de 10 a 19 anos, regularmente matriculados no ano de 2014. Como critério de inclusão para os sujeitos da pesquisa estabeleceu-se estar presente no dia da coleta de dados com o Termo de Consentimento

Livre Esclarecido (TCLE) devidamente assinado pelos pais ou responsáveis, bem como assinar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

A amostragem caracterizou-se como do tipo probabilística por conglomerado em um estrato (turmas). Realizou-se o cálculo amostral considerando-se a prevalência de 50% de violência escolar, sendo adotado um nível de confiança de 95% e margem de erro de 5%, efeito do desenho (Deff) de 1,7 e um acréscimo de 20% para perdas. Estimou-se a amostra final em 678 adolescentes. Para assegurar a representatividade da amostra, efetivou-se a distribuição de modo proporcional ao número de alunos por escola.

Coleta de Dados

A coleta de dados ocorreu no período de março a julho de 2014 por meio da aplicação do questionário de Escala de Violência Escolar (EVE) validado⁵, contendo informações referentes ao sexo, idade, ocorrência de violência escolar e seus tipos (violência física, psicológica, material e virtual), porte de arma de fogo e arma branca, uso de álcool e tabaco, maconha, cocaína, craque e cola⁵.

A Escala de Violência Escolar (EVE) é fundamentada em escala tipo Likert composta por quatro sub-escalas que abordam quatro dimensões: vitimização de violência escolar de aluno praticada por aluno, vitimização de violência escolar de aluno praticada por funcionário, agressão de violência escolar praticada por aluno contra outro aluno e comportamento de risco, ocorridos nos seis últimos meses à aplicação do instrumento⁵.

Análise dos Dados

Realizou-se a digitação dos dados no *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS®)* – versão 18.0. Utilizou-se a estatística descritiva (distribuições absolutas, percentuais, média e

desvio padrão) e analítica (Qui-quadrado e Exato de Fisher) adotando-se um nível de 5% de significância.

RESULTADOS

A maior parte dos adolescentes era do sexo feminino (61,2%) com idade entre 10 e 14 anos (86,7%), média de 12,67 anos e mediana de 12,0 (DP \pm 1,61).

Conforme dados apresentados na Tabela 1, 86,3% dos estudantes reportaram ter sofrido violência escolar. Destes estudantes que sofreram violência escolar 86,2% foram vítimas de mais de um tipo de violência escolar nos últimos seis meses a pesquisa, sendo que 13,3% sofreram, concomitantemente, cinco diferentes tipos de violência escolar.

Quanto ao tipo de violência, 78,5% dos estudantes foram vítimas de violência psicológica, 63,3% de violência física e 41,4% de violência material (Tabela 1).

Na Tabela 2, constata-se que 86,9% das meninas e 85,1% dos meninos sofreram violência escolar. Um maior percentual dos adolescentes (87,9%) representou vitimização por múltiplos tipos de violência, enquanto que o percentual de sofrer um único tipo de violência mostrou-se maior entre as adolescentes (15%).

No que se refere às formas de violência escolar sofridas verifica-se que as estudantes, predominantemente, foram vítimas de violência psicológica (79,7%). Os estudantes do sexo masculino sofreram maior vitimização de violência física (65,4%) e material (47,9%); as violências virtual e simbólica foram identificadas com percentual semelhante entre os sexos. A associação entre as variáveis “violência material” e “sexo” mostrou-se estatisticamente significativa (p=0,007). Todavia, não foram verificadas associações entre “sexo” e “violência física” (p=0,361), “violência psicológica” (p=0,304), “virtual” (p=0,998) e “simbólica” (p=0,816).

Os estudantes com idade entre 10 e 14 anos apresentaram vitimização por violência escolar de 86,4%, enquanto o grupo de estudantes com maior idade (15 a 19 anos) atingiu um percentual de 87,5% de vítimas de violência escolar. No mesmo sentido, os estudantes mais jovens (10 a 14 anos) relataram serem mais vítimas de um único tipo de violência escolar, já os escolares mais velhos (15 a 19 anos) demonstraram maior percentual de vitimização por múltiplos tipos de violência escolar.

Constata-se também que a faixa etária de 15 a 19 anos concentraram os maiores percentuais de vitimização de todos os tipos de violência: física (64,8%), material (44,3%), psicológica (82,0%), virtual (34,0%) e simbólica (59,0%).

Verifica-se na Tabela 2 que houve associação entre violência simbólica e a idade dos estudantes ($p=0,003$). Não foram encontradas associações entre idade dos escolares dicotomizada e violência física ($p=0,748$), material ($p=0,496$), psicológica ($p=0,418$) e virtual ($p=0,547$).

Em relação à violência entre os pares, 86,3% relataram ter sofrido violência escolar praticada por outro aluno, enquanto 51,1% afirmaram terem sido vítimas de violência escolar provocada por funcionário, demonstrando maior percentual de vitimização por violência escolar entre pares.

Quanto ao perfil do agressor, 46,8% dos escolares afirmaram ter praticado algum tipo de violência escolar contra outro aluno da mesma escola. Destes agressores, 62,4%, declararam praticar múltiplas formas de violências para com os pares.

Em contrapartida, grande parcela dos estudantes agressores também são vítimas visto que 95% dos estudantes que declararam praticar agressão contra outro aluno, igualmente, referiram-se como vítimas de algum tipo de violência escolar. Assim, a associação entre as variáveis ser agressor e sofrer violência escolar mostrou-se significativa ($p<0,001$), compreendendo-se que

há um risco 10,57 vezes mais de um escolar que é agressor sofrer violência escolar (RP IC 95% = 10,57; 5,22 – 21,43).

Quanto ao comportamento de risco na escola, os aspectos avaliados quanto ao uso de drogas lícitas e ilícitas e portar armas na escola apresentaram percentuais baixos; uso de cigarro 5%, uso de álcool 7,4%, uso de maconha, cocaína, craque, cola 1,8%, porte de arma branca 5,5% e porte de arma de fogo 2,4%. Entretanto, houve associação dessas variáveis relacionadas ao comportamento de risco na escola e a variável “ser agressor” conforme demonstrado na Tabela 3. Nesse sentido, apresentou-se associação entre as variáveis “uso de álcool” e “ser agressor” ($p < 0,001$), sendo que os escolares que consumiram álcool na escola apresentam 3,92 mais chances de terem sido agressores de outro aluno (RP=3,92; 2,01-7,65).

Do mesmo modo, a associação entre portar arma branca na escola e ser agressor apresentou-se significativa ($p = 0,03$). Portanto, os alunos que portaram arma branca na escola apresentam 2,17 mais chances de terem praticado atos de agressão contra outro aluno (RP=2,17; 1,08-4,34). Destaca-se a associação entre o “porte de arma de fogo” e “ser agressor”, estando os escolares que portaram arma de fogo para a escola com 17,73 mais chances de tornarem-se agressores de seus pares (RP=17,73; 2,32-135,02).

DISCUSSÃO

A presente pesquisa identificou elevado percentual de violência escolar entre os estudantes brasileiros pesquisados demonstrando propensão do contexto escolar atual para o desenvolvimento de práticas violentas, sobretudo, entre pares. Estudo desenvolvido no Brasil revelou que 83,4% dos alunos vivenciaram violência na escola¹², resultado este aproximado ao percentual relatado no presente estudo, 86,3%.

A prevalência de violência escolar descrita em países europeus mostra-se variável. Enquanto na França e na Suíça os percentuais de escolares vítimas de violência mostram-se

elevados e semelhantes, 78%¹³ e 79%¹⁴ respectivamente; no Reino Unido, apenas 27% dos escolares referiram sofrer ameaças por outro estudante¹⁵.

Por esta perspectiva, percebe-se que no contexto internacional, a violência escolar se manifesta de modo diferenciado com peculiaridades associadas aos cenários específicos, tendo em vista as diferenças culturais e de sistemas educacionais que abarcam as diversas nações¹⁶.

A violência escolar, como fenômeno científico, tomou visibilidade a partir de pesquisas na década de 1990 adquirindo relevância no contexto nacional e internacional. Pode-se mencionar que ao longo dos anos o crime organizado, a heterogeneidade das escolas, a deslegitimação da autoridade escolar, as práticas profissionais dos professores, a ausência de significação dos currículos escolares, o fracasso escolar no que se refere a políticas específicas, estrutura e gestão e o desejo de protagonismo dos jovens mostram-se como catalisadores do processo de produção da violência nas escolas¹⁷.

O fenômeno tornou-se ainda mais complexo ao passo que as respostas a essa onda de violência escolar se demonstraram proporcionalmente frágeis e dispersas por parte das escolas¹⁸. Apesar das influências dos fatores macrossociais, não se pode abster a responsabilização da dinâmica das instituições escolares na produção da violência escolar; enfatiza-se, ainda, que a escola como espaço de relações específicas possui características próprias que têm papel fundamental no desenvolvimento das violências¹⁹.

Nesse sentido, salienta-se a necessidade de abordagem, da violência no meio escolar, pela própria escola, logo que não se pode transferir essa responsabilidade, somente, aos programas e políticas governamentais. É sabido que desenvolver ações, no interior das escolas, de debate sobre os comportamentos agressivos de adolescentes e jovens podem influenciar positivamente atitudes pró-sociais destes, logo que a escola ao mesmo passo que se mostra como ambiente de maior predisposição a comportamentos violentos dos jovens, também pode ser espaço principal

da prática do respeito e da tolerância, bem como, da minimização de interações interpessoais agressivas¹⁸.

Aprofundando-se nas especificidades que caracterizam a violência escolar, percebe-se a manifestação diferenciada deste fenômeno em relação aos sexos envolvidos. Neste estudo, pode-se observar que as meninas são vítimas potenciais da violência psicológica enquanto os meninos sofrem mais vitimização de violência física e material. Corroborando esses achados, diversos estudos exibem diferenças acerca das situações de violência entre os sexos, seja no papel de vítima ou de agressor, de modo que os meninos tendem a ser mais vítimas e mais agressores no que se refere às situações de agressões físicas diretas a outros escolares, estando as adolescentes mais envolvidas com as agressões psicológicas e verbais¹⁹⁻²².

Outro aspecto a ser destacado refere-se à relação entre faixa etária e envolvimento em situações de violência escolar. Estudo realizado nos Estados Unidos demonstrou maior frequência de violência no espaço escolar entre adolescentes de 12 a 14 anos²³. Entretanto, neste estudo a prevalência de violência escolar entre as faixas etárias equipararam-se, não havendo diferenças quanto às idades dos escolares, o que torna a faixa etária de 10-14 anos tão violenta quanto à de 15-19 anos.

A literatura mostra que a frequência dos episódios de violência escolar atinge o pico no início da adolescência, sobretudo, entre 11 e 13 anos²⁴. Assim, nos estudantes mais novos manifestam-se, principalmente, as situações de violência física direta; com o aumento da idade esse tipo de circunstância reduz prevalecendo formas de agressão de caráter relacional e indireto que envolvem a violência psicológica²⁵.

Geralmente, com o aumento progressivo da idade as situações de violência tendem a reduzir, assim, os alunos mais novos representam a população mais atingida pelas agressões físicas escolares, bem como participantes dessas situações¹⁵. Em contrapartida, estudo demonstrou que esse decréscimo nas situações de violência escolar com o avanço da idade

ultrapassa as agressões físicas; todas as condutas de agressão (física, verbal, material, psicológica) tendem a minimizarem-se nos adolescentes em maior idade²⁶.

Na atual pesquisa salienta-se a violência escolar entre pares, ou seja, entre estudantes, superando a violência simbólica praticada nas escolas estudadas. Esta última, constitui-se no tipo de coerção que se estabelece na relação entre dominador (professor) e dominado (aluno) na qual o dominado torna-se refém do poder do dominador naturalizando-se a ideia de superioridade e decisão de um para o outro²⁷.

A violência simbólica potencializa a manutenção de um ambiente escolar hostil, no qual os laços, na maioria das vezes, entre professores e alunos encontram-se permeados pela opressão e agressividade, nos quais o diálogo acontece por meio de gritos e advertências verbais, que reflete no comportamento dos estudantes potencializando a reprodução de atos de agressão e conflitos que vão se tornando comuns²⁸.

O ato de agredir se manifesta de diversas formas no comportamento agressivo contra o outro no intuito de infligir danos intencionalmente. Nesse sentido, compreende-se que o comportamento agressivo menos grave inclui a agressão verbal, gestual, sofrimento psicológico, intimidação, bem como fofocas, apesar de serem consideradas com menor nível de gravidade, estas formas de violência alimentam situações de agressão que podem atingir o patamar extremo de gravidade, expressadas por lutas físicas acompanhadas ou não pelo uso de armas branca e/ou de fogo²⁹.

Por esta perspectiva, comumente, o estudante agressor produz diversos modos de violência no meio escolar, desde pequenos furtos, ameaças, intimidação, perseguição psicológica até atingir o cume do comportamento agressivo que seria o porte de armas na escola como meio de produção de violência escolar.

Assim, um fator que demonstrou íntima relação com o ato de agredir o colega na escola trata-se do comportamento de risco dos escolares que envolve o uso de álcool, drogas e porte

de armas branca e de fogo. Outros pesquisadores mostraram semelhante associação, na qual os estudantes que usam álcool no ambiente escolar mostram-se mais propensos a praticarem agressão física, especialmente, os estudantes do sexo masculino³⁰.

Contudo, vale salientar que o papel de agressor não se mostra como estático, ao contrário, há íntima relação entre ser agressor e sofrer violência escolar, demonstrando a flexibilidade de alternância de papéis do estudante na produção do fenômeno, quando ora é agressor, ora é vítima, reafirmando a dinamicidade da violência que tem caráter de ação-reação construindo um ciclo permanente de propagação da violência no meio escolar.

Portanto, as associações encontradas neste estudo mostram-se no mesmo sentido de outros³⁰ que destacam os principais fatores associados ao comportamento agressivo dos alunos no ambiente escolar: ser do sexo masculino e usar drogas e álcool; delineando-se, assim, evidências dos escolares mais propensos no envolvimento com a violência escolar.

Limitações

Apesar de ter abordado todas as escolas municipais urbanas públicas com turmas do 6º ao 9º ano do município de Campina Grande, Paraíba, Brasil, os dados provenientes do estudo referem-se a esse contexto com limitações para serem extrapolados aos cenários de outros países. Ademais, foi realizado somente em escolas públicas; sabendo-se que estas, geralmente, se localizam em regiões periurbanas das cidades, em bairros com nível socioeconômico desprivilegiado e com grau de criminalidade acentuado pode-se haver uma intensificação da violência refletida no interior das escolas, influenciando as porcentagens de prevalência da violência escolar.

Acrescenta-se ainda que por se tratar de um estudo de delineamento transversal não foi possível estabelecer relações de causa e efeito entre as variáveis analisadas, especialmente, entre vitimização e agressão de violência escolar com comportamentos de riscos dos escolares.

Outro aspecto a ser considerado trata-se da característica de autorelato das respostas dos escolares, as quais podem ser influenciadas pelas compreensões e memórias particulares de cada escolar. No entanto, ressalta-se que essa limitação mostra-se, também, como uma dificuldade relacionada ao estudo da violência, já que este mostra-se como um fenômeno social e subjetivo difícil de ser mensurado quantitativamente. Nesse sentido, expõe-se como pontos fortes desse estudo o uso de instrumento validado, aplicado com base em rigor metodológico, bem como o pioneirismo nesse aspecto de análise à violência na escola na região estudada.

Conclusões

Frente a este cenário constatado, pode-se inferir que a violência nas instituições escolares analisadas faz parte da realidade dos estudantes, com capacidade de produzir vítimas e agressores, simultaneamente, alcançando altos níveis de prevalência.

Os adolescentes do sexo masculino, na maioria dos casos, se envolvem em violência física e material, enquanto as adolescentes do sexo feminino em violência psicológica. Quanto à violência simbólica praticada por professores não há diferenças entre sexo, destacando-se que quase 50% dos escolares sofreram este tipo de violência.

O comportamento de risco evidencia-se como forte fator de risco para o desencadeamento dos atos agressivos entre os adolescentes. Apesar da existência de percentual mínimo do ato de portar arma de fogo, arma branca e consumo de álcool, estas atitudes mostram-se com associação à violência na escola.

Portanto, é possível afirmar que a violência escolar pode ser considerada um fenômeno cotidiano, o qual necessita da compreensão do contexto escolar onde este se processa, identificando-se os fatores com potencial de preveni-la ou agravá-la com vistas às ações de enfrentamento e superação, as quais dependem do posicionamento de todos os atores atuantes

no espaço escolar, assim como a inserção do setor saúde nas ações de promoção da saúde e de fomento a cultura de paz.

IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE NA ESCOLA

A íntima relação entre violência e saúde torna-se mais visível na sua configuração extrema, quando incrementa os índices de mortalidade, entretanto, uma influencia a outra desde as expressões cotidianas à medida que a violência é capaz de produzir agravos à saúde mental, emocional, física; nesse sentido, infere-se as negativas implicações da violência escolar na qualidade da saúde dos atores escolares⁶.

Depreende-se que este estudo acerca do fenômeno da violência nas escolas promove um panorama com potencial de dimensionar a proporção

e as características dos atos violentos no meio escolar, sendo subsídio para programas e projetos com base em ações específicas voltadas a essa problemática.

O estudo incita a reflexão da responsabilidade da escola no compartilhamento, pertencimento, mediação, participação e envolvimento no enfrentamento das situações de violência. Já que a violência nas escolas, além de produzir sequelas diretas na qualidade de vida dos escolares, contribui para a ruptura da ideia de escola como ambiente de socialização, de construção de conhecimento, de formação do ser social, meio principal do exercício da aprendizagem, da ética e da cidadania, portanto, antítese da violência³¹.

Torna-se necessário encarar a violência escolar como um problema posto, socialmente construído, todavia passível de prevenção; logo, cabe a escola, ao setor saúde, as autoridades educacionais cada uma, conforme suas competências, produzir atitudes, projetos, e programas com capacidade de gerir os conflitos violentos no interior das escolas, com base nas ações de prevenção da violência escolar e promoção da saúde, compreendendo que o desafio é perceber,

no mesmo cotidiano no qual se expressam as situações de violência, as possibilidades de superação deste fenômeno.

Declaração de Aprovação de Pesquisa com Seres Humanos

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba e todos os pais ou responsáveis dos escolares assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os estudantes o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

Referências

¹Organização Mundial de Saúde. *Version of the Introduction to the World Report on Violence and Health (WHO)*. Geneve: WHO; 2002.

²Schraiber L B, D' Oliveira A F P L, Couto M T. Violência e saúde: contribuições teóricas, metodológicas e éticas de estudos da violência contra a mulher. *Cad. Saúde Pública*. 2009; 25 (suppl.2): 205-216.

³Lopes Neto A A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*. , 2005; 81 (5): s164-s172.

⁴Priotto E P, Boneti L W. VIOLÊNCIA ESCOLAR: na escola, da escola e contra a escola. *Rev. Diálogo Educ*. 2009; 9(26): 161-179.

⁵Stelko-pereira A C. *Avaliação de um programa preventivo de violência escolar: planejamento, implantação e eficácia*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos. São Paulo; 2012.

⁶Minayo M C S. *Violência e Saúde*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; 2010.

⁷Centers for Disease Control and Prevention. Trends in the Prevalence of Behaviors that Contribute to Violence on School Property National YRBS: 1991–2011. EUA: CDC; 2011.

- ⁸Malta D C, Mascarenhas M D M, Dias A R, Prado R R, Lima C M, Silva M M A, Júnior J B S. Situações de violência vivenciadas por estudantes nas capitais brasileiras e no Distrito Federal: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escola (PeNSE 2012). *Rev Bras Epidemiol.* 2014; Suppl PeNSE:158-171.
- ⁹Debarbieux E, Blaya C. *Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília: UNESCO; 2002.
- ¹⁰Ristum M. Violência na Escola, da Escola e contra a Escola. In: Assis S G. *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Editora Fiocruz; 2010.
- ¹¹Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2010*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em: 05 de outubro de 2013.
- ¹²Abramovay M. *Cotidiano das escolas: entre violências*. Brasília: UNESCO; 2005.
- ¹³Debarbieux E. *La violence à l'école, entre exagération et méconnaissance*. INHES/OND: Rapport; 2006.
- ¹⁴Clémence A. Violência e incivildade na escola: a situação na Suíça. In: Debarbieux E, Blaya C. *Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília: UNESCO; 2002.
- ¹⁵Cowie H, Smith P K. Violência nas escolas: uma perspectiva do Reino Unido. In: Debarbieux E, Blaya C. *Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília: UNESCO; 2002.
- ¹⁶Benbenishty R, Astor R A. Monitoring indicators of children's victimization in school: Linking national, regional, and site-level indicators. *Social Indicators.* 2007; 84(3): 333-348.
- ¹⁷Leff S S, Thomas D E, Shapiro E S, Paskewich B, Wilson K, Necowitz-hoffman B, Jawad A F. Developing and Validating a New Classroom. *J Sch Violence.* 2011; 10 (2): 165–184.
- ¹⁸Basch C E. Aggression and Violence and the Achievement Gap Among Urban Minority Youth. *Journal of School Health.* 2011; 81(10).

- ¹⁹Orpinas P, MCNicholas C, Nahapetyan L. Gender differences in trajectories of relational aggression perpetration and victimization from middle to highschool. *Aggress Behav.* 2014; 9999: 1-12.
- ²⁰Lovegrove P J, Henry K L, SLATER M D. Examination of the Predictors of Latent Class Typologies of Bullying Involvement among Middle School Students. *J Sch Violence.* 2012; 11(1): 75–93.
- ²¹Scherzer T, Pinderhughes H L. Violence and gender: reports from an urban high school. *Violence Vict.* 2002; 17(1): 57-72.
- ²²Olweus R, Sweden D, Smith P, Morita Y, Junger-tas J, Olweus D, Catalano R, Slee, P. *The Nature of School Bullying: A cross-national perspective.* London: Routledge; 1999.
- ²³Robers S, Zhang J, Truman J, Snyder T D. *Indicators of School Crime and Safety: 2011.* U.S. Department of Justice: Office of Justice Programs; 2012.
- ²⁴Camargo Y S, Duitama A M G. Estudio descriptivo de factores asociados a violencia interpersonal en estudiantes de tunja. *Psychologia: avances de la disciplina.* 2011; 5(1): 37-46.
- ²⁵Olweus, D. Bully/victim problems in school: facts and intervention. *European Journal of Psychology of Education.* 1997; 4(XII): 495-511.
- ²⁶Martins M J D. O problema da Violência Escolar: uma classificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação.* 2005; 18(1): 93-105.
- ²⁷Souza L P. A violência simbólica na escola: contribuições de sociólogos franceses ao fenômeno da violência escolar brasileira. *Revista LABOR.* 2012; 1(7).
- ²⁸Alvodo J. De la violence à l'école à l'école de la violence. Essai d'analyse de la pratique pédagogique comme forme de violence. *Sociétés et jeunesses en difficulté.* n.10; 2010.
- ²⁹Greene M B. Reducing violence and aggression in schools. *Trauma, violence, & abuse.* 2005; 6(3): 236-253.

³⁰Rudatsikira E, Muula A S, Siziya S. Prevalence and correlates of physical fighting among school-going adolescents in Santiago, Chile. *Rev Bras Psiquiatr.* 2008; 30(3): 197-202.

³¹Leitão C. Elaborando um projeto de intervenção local para enfrentar a violência na Escola. In: Assis, S G, Constatino P, Avanci J Q. *Impactos da violência na escolar: um diálogo com professores.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2010.

Tabela 1 – Distribuição da Violência Escolar Quanto à Tipologia

Variável	Frequência	
	N	%
Violência Escolar		
Sim	585	86,3
Não	93	13,7
Total	678	100
Nº de tipos de violências sofridas		
1	81	13,8
2	128	21,9
3	164	28,0
4	134	23,0
5	78	13,3
Total	585	100
Violência Física		
Sim	429	63,3
Não	249	36,7
Total	678	100
Violência Material		
Sim	281	41,4
Não	397	58,6
Total	678	100
Violência Psicológica		
Sim	532	78,5
Não	146	21,5
Total	678	100
Violência Virtual		
Sim	214	31,6
Não	464	68,4
Total	678	100
Violência Simbólica		
Sim	303	44,7
Não	375	55,3
Total	678	100

FONTE: Dados empíricos

Tabela 2 – Associação entre Sexo e Idade Categorizada com Violência Escolar, Física, Material, Psicológica, Virtual e Simbólica

	Variável											
	Sexo				Valor p	RP	Idade Categorizada				Valor p	RP
	Masculino		Feminino				10-14		15-19			
n	%	n	%	N	%	n	%					
Violência escolar												
Sím	224	85,1	361	86,9	0,503	1,16	495	86,4	77	87,5	0,776	0,907
Não	39	14,9	54	13,1		(0,74-1,81)	78	13,6	11	12,5		(0,46-1,78)
Total	263	100	415	100			573	100	88	100		
Nº de tipos de violência sofridas												
1	27	12,1	54	15,0	0,344	-	73	14,7	7	9,0	0,181	-
2	44	19,6	84	23,3			112	22,7	15	19,5		
3	64	28,6	100	27,6			139	28	23	29,9		
4	52	23,2	82	22,7			113	22,8	16	20,8		
5	37	16,5	41	11,4			58	11,8	16	20,8		
Total	224	100	361	100			495	100	77	100		
Violência física												
Sím	172	65,4	257	62	0,361	0,86	361	63	57	64,8	0,748	0,92
Não	91	34,6	158	38		(0,62-1,18)	212	36,7	31	35,2		(0,57-1,48)
Total	263	100	415	100			573	100	88	100		
Violência Material												
Sím	126	47,9	155	37,3	0,007	0,64	232	40,5	39	44,3	0,496	0,(0,44-1,40)
Não	137	52,1	260	62,7		(0,47-0,88)	341	59,5	49	55,7		
Total	263	100	415	100			573	100	88	100		
Violência Psicológica												
Sím	201	76,4	331	79,7	0,304	1,21	447	78,0	72	82,0	0,418	0,788
Não	62	23,6	84	20,3		(0,83-1,76)	126	22,0	16	18		(0,44-1,40)
Total	263	100	415	100			573	100	88	100		
Violência Virtual												
Sím	83	31,5	131	31,7	0,998	1,00	177	30,9	30	34,0	0,547	0,86
Não	180	68,5	284	68,3		(0,71-1,39)	396	69,1	58	66,0		(0,53-1,39)
Total	263	100	415	100			573	100	88	100		
Violência Simbólica												
Sím	119	45,2	184	44,3	0,816		243	42,4	52	59,0	0,003	

Não	144	54,8	231	55,7	0,96 (0,70- 1,31)	330	57,6	36	41,0	0,510 (0,32- 0,80)
Total	263	100	415	100		573	100	88	100	

Tabela 3 – Associação Entre Agressor e Uso de Álcool, Arma Branca e Arma de Fogo

FONTE: Dados empíricos

Variável					Agressor	
	Sim		Não		Valor p	RP
	N	%	N	%		
Álcool						
Sim	38	12	12	3,5	<0,001	3,92 (2,01-7,65)
Não	279	88	346	96,5		
Total	317	100	358	100		
Arma Branca						
Sim	24	7,5	13	3,6	0,03	2,17 (1,08-4,34)
Não	293	92,5	345	96,4		
Total	317	100	358	100		
Arma de fogo						
Sim	15	4,7	1	0,3	<0,001	17,73 (2,32- 135,02)
Não	302	95,3	357	99,7		
Total	317	100	358	100		

5.2 ARTIGO 2

PREVALÊNCIA DE VITIMIZAÇÃO E AGRESSÃO POR BULLYING ENTRE ADOLESCENTES

Emanuella de Castro Marcolino

Alessandro Leite Cavalcanti

RESUMO

Introdução: Fenômeno de dimensões mundiais, considerado um problema de Saúde Pública, o *bullying* possui caráter intencional, repetitivo e de uso desigual do poder pautado na perseguição e intimidação ao outro indivíduo. Objetivo: Analisar a vitimização e agressão por *bullying* entre escolares da rede pública municipal de ensino a partir dos fatores sociodemográficos e de comportamento de risco. Metodologia: Estudo transversal, desenvolvido em escolas municipais de ensino fundamental do município de Campina Grande – PB sendo o público alvo 678 adolescentes matriculados do 6º ao 9º ano. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados a Escala de Violência Escolar (EVE). Os dados foram organizados com o programa estatístico SPSS, sendo utilizado nível de significância de 5% e intervalo de confiança de 95%. Resultados: A prevalência de vitimização de *bullying* foi de 29,5%, com predomínio do *bullying* psicológico (23,3%). Quanto à prevalência da prática de *bullying* autorelatada, 8,4% dos estudantes afirmaram praticarem *bullying* contra outro estudante. Pode-se observar maior envolvimento de estudantes do sexo masculino tanto como vítimas quanto como agressores. Além de apresentar associação positiva entre ser praticante de *bullying* e assumir comportamentos de risco. Conclusões: Infere-se que o *bullying* envolve, predominantemente, escolares do sexo masculino, os quais demonstram alternância de papéis de vítimas e agressores, sendo o consumo de fumo e álcool na escola fator de risco para agressão, tendo os agressores mais chances de envolvimento com consumo de fumo e álcool.

Palavras-chave: Violência, Bullying, Adolescente.

INTRODUÇÃO

Considera-se a violência no mundo como um problema de Saúde Pública relevante, uma vez que provoca intensas consequências individuais e coletivas, no âmbito da saúde e social, sobretudo, envolvendo jovens e adolescentes (NETO; SAAVEDRA, 2004).

Dentre a violência juvenil, a violência no ambiente escolar tem se mostrado a forma mais frequente e visível desse fenômeno entre adolescentes na atualidade. Caracteriza-se como um fenômeno complexo e com alto poder de gravidade, no entanto, ainda pouco investigado (ELINOFF; CHAFOULEAS; SASSU, 2004).

O *bullying* surge como uma modalidade da violência na escola, distingue-se a esta, pois diz respeito, especificamente, a uma forma de afirmação de poder interpessoal por meio da agressão/violência. Assim, o termo *bullying*, de origem inglesa, remete a ações de agredir, intimidar e atacar o outro, pautadas em uma relação desigual de poder visando inferiorizar a vítima (NETO, 2005; CAMPOS; JORGE, 2010).

Além de se estabelecer por meio do uso do poder sobre o outro, o *bullying* tem caráter intencional e repetitivo, assumindo o comportamento de perseguição e intimidação ao outro indivíduo permeada pela ausência de motivação evidente causando sofrimento por meio de uma relação desigual de poder, sendo essa assimetria de poder, geralmente, associada a características individuais como idade, tamanho, porte físico, traços de personalidade, desenvolvimento emocional e formação de grupos de estudantes (CAMPOS; JORGE, 2010). Mundialmente, considera-se três elementos imprescindíveis à caracterização do *bullying*: a repetição, o prejuízo e a desigualdade de poder (BERGER, 2007).

A nível internacional, a prevalência de *bullying* exibe-se com variação de 32% a 2% (TSITSIKA et al., 2014). No Brasil, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE) de 2012 revelou que sofrer *bullying* por colega da escola atingiu 7,2% dos escolares (MALTA et al., 2014).

O *bullying* pode ser classificado em três principais grupos de atos de agressão. O *bullying* físico que abrange comportamentos de agressão física evidente como bater, pontapear, empurrar, chutar e usar armas para agredir; o *bullying* verbal/psicológico, o mais comumente praticado, que abarca ameaças, insultos, deboches, apelidos, humilhação; o terceiro tipo, *bullying* indireto, é o mais dissimulado uma vez que não mostra-se visível, representado por comportamentos de exclusão social, indiferença e extorsão (MATOS; GONÇALVES, 2009; BANDEIRA; HUTZ, 2012; HUI; TSANG; LAW, 2011).

Uma modalidade do *bullying*, denomina-se *cyberbullying*, esta caracteriza-se pela agressão repetida com intenção de perseguir e humilhar, por meio de tecnologias eletrônicas, especialmente, celular e computador. Nesse modo de violência escolar, o ato de agredir ultrapassa os muros da escola, pois o espaço de agressão é o virtual, todavia neste subtipo de *bullying*, a violência surge a partir das relações escolares (STELKO-PEREIRA, 2012).

No campo da pesquisa internacional acerca do *bullying*, para além de divergências conceituais outro aspecto que gera desacordo centra-se na característica de temporalidade associada ao fenómeno. A grande dificuldade é considerar um ponto de corte para o *bullying*, ou seja, a frequência mínima capaz de transformar um evento de violência escolar para *bullying* em si (CAMPOS; JORGE, 2010).

Diante dessas fragilidades científicas, se faz mister conhecer os elementos que contribuem para o surgimento e propagação do *bullying*, bem como compreendê-lo em conjunto aos fatores associados avançando na construção de padrões de interpretação e análises acerca desse fenómeno cotidiano no meio escolar e desenhando intervenções dirigidas a redução da prevalência do *bullying* e suas consequências.

Portanto, o presente estudo objetiva analisar a prevalência de vitimização e agressão por *bullying* nas suas diversas modalidades associada aos fatores sociodemográficos e de comportamentos de risco em estudantes das escolas municipais de ensino fundamental de Campina Grande – PB.

METODOLOGIA

Estudo epidemiológico transversal de carácter quantitativo com abordagem indutiva (LAKATOS; MARCONI, 2007), seguiu os parâmetros éticos da resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB sob o número do CAAE 27623214.3.0000.5187.

O público alvo da presente pesquisa caracterizou-se por adolescentes escolares matriculados do 6º ao 9º ano do ensino fundamental da rede pública de ensino municipal de Campina Grande, estado da Paraíba, Brasil, sendo estes com idade entre 10 e 19 anos.

As 12 escolas municipais urbanas com turmas de 6º ao 9º ano foram abordadas, sendo a amostragem do tipo probabilística por conglomerado em um estrato (turmas). O cálculo amostral foi realizado considerando-se a prevalência de 50% de violência escolar, sendo adotado um nível de confiança de 95% e margem de erro de 5%, efeito do desenho (Deff) de 1,7 e um acréscimo de 20% para perdas, estimando-se a amostra final em 678 escolares. Realizou-se a distribuição proporcional aleatória da amostra considerando o número de alunos por escola, a fim de garantir a representatividade da mesma.

Todos os escolares participantes da pesquisa foram autorizados pelos pais e/ou responsáveis por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinados por

estes, bem como concordaram em responder espontaneamente ao instrumento de pesquisa através do Termo de Assentimento assinado pelos mesmos.

Os dados foram coletados no período de março a julho de 2014 por meio do questionário validado denominado Escala de Violência Escolar (EVE) (STELKO-PEREIRA, 2012). A EVE fundamenta-se em escala tipo Likert e subdivide-se em quatro sub-escalas que abordam quatro dimensões da violência escolar, para efeito deste estudo focou-se nas sub-escalas relativas à vitimização por aluno, agressão praticada por aluno contra outro aluno e comportamento de risco.

Para análise estatística, inicialmente dicotomizou-se os dados coletados a partir da definição de um ponto de corte para vitimização e agressão de *bullying* com base no estudo de Wolke et al. (2001), que estabelece como caso de *bullying* a repetição de mais de quatro episódios de violência escolar em um período de seis meses.

Utilizou-se o programa estatístico SPSS® (*Statistical Package for the Social Sciences – versão 18.0*), a fim de, primeiramente, realizar análise descritiva a partir da distribuição de frequências absolutas e relativas, média, mediana e desvio padrão. Em seguida, a análise inferencial por meio do teste de Qui-quadrado de Pearson com nível de significância adotado no teste estatístico de 5% e intervalo de confiança de 95%.

RESULTADOS

Dos adolescentes estudantes entrevistados 61,8% eram do sexo feminino, 86,7% na faixa etária entre 10 e 14 anos, sendo a média de idade dos estudantes de 12,67 anos e a mediana de 12,0 (DP± 1,61).

De acordo com dados apresentados na tabela 1, a prevalência de vitimização de *bullying* autorelatada entre os adolescentes estudantes entrevistados foi de 29,5% considerando as situações de violência escolar com caráter de *bullying*, ou seja, a repetição de situações de violência escolar direcionadas ao mesmo aluno mais de quatro vezes, ocorridas nos últimos seis meses do momento de aplicação do instrumento.

Dentre os tipos de *bullying* sofridos pelos estudantes o *bullying* psicológico (espalhar fofocas, excluir de atividades, xingar, ameaçar, ridicularizar) predominou as situações, 23,3% dos estudantes relataram sofrer este tipo de violência escolar. Enquanto o *bullying* físico (dar tapas, socos, chutes, empurrar) e virtual (enviar mensagens por via telefone ou internet de

ameaça, xingamento, ridicularização, ofensa) foram autodeclarados por 15% e 5,5% dos estudantes, respectivamente.

Quanto à prevalência da prática de *bullying* autorelatada, 8,4% dos estudantes afirmaram praticarem *bullying* contra outro estudante na escola. O *bullying* psicológico mostrou-se como o mais praticado pelos estudantes, 5,3% relataram a prática deste, enquanto 4,6% afirmaram praticar *bullying* físico, e apenas 0,6% declararam produzir *bullying* virtual com os pares.

Tabela 1 – Distribuição de prevalência de vitimização e agressão por *bullying* escolar e tipologias em escolas da rede pública municipal de ensino no município de Campina Grande - PB

Variável	Frequência	
	n	%
Vítima de <i>bullying</i>		
Sim	200	29,5
Não	478	70,5
Total	678	100
Vítima de <i>bullying</i> físico		
Sim	102	15
Não	576	85
Total	678	100
Vítima de <i>bullying</i> psicológico		
Sim	158	23,3
Não	520	76,7
Total	678	100
Vítima de <i>bullying</i> virtual		
Sim	37	5,5
Não	641	94,5
Total	678	100
Agressor de <i>bullying</i>		
Sim	57	8,4
Não	621	91,6
Total	678	100
Agressor de <i>bullying</i> físico		
Sim	31	4,6
Não	647	95,4
Total	678	100
Agressor de <i>bullying</i> psicológico		
Sim	36	5,3
Não	642	94,7
Total	678	100
Agressor de <i>bullying</i> virtual		

Sim	4	0,6
Não	674	99,4
Total	678	100

FONTE: Dados empíricos

Na tabela 2, pode-se constatar que houve um predomínio de sofrimento de *bullying* em estudantes do sexo masculino, em 33,84% destes. Essa maior vitimização de *bullying* por parte dos meninos em relação às meninas verifica-se para todos os tipos de *bullying*, 20,15% sofreram *bullying* físico, 26,61% *bullying* psicológico e 6,84% *bullying* virtual.

Observa-se ainda, a partir desta tabela, associação entre ser vítima de *bullying* e o sexo do estudante; desse modo, os adolescentes estudantes do sexo masculino tiveram 0,71 vezes mais chances de sofrer *bullying*. Essa mesma relação se apresenta no que se refere ao *bullying* físico, adolescentes meninos tem 0,53 mais chances de serem vítimas de *bullying* físico comparado as meninas.

Não houve associação entre vitimização por *bullying* e faixa etária, demonstrando que sofrer *bullying* entre os estudantes independe da faixa etária do mesmo, ou seja, neste estudo não existiu uma faixa etária mais propensa a ser vítima do *bullying*.

Tabela 2 – Associação entre sexo e idade categorizada com vítima de *bullying*, *bullying* físico, *bullying* psicológico, *bullying* virtual em escolas da rede pública municipal de ensino no município de Campina Grande - PB

FONTE: Dados empíricos

	Variável											
	Sexo				Valor p	RP	Idade				Valor p	RP
	Fem		Masc				10-14		15-19			
	n	%	n	%			n	%	n	%		
Vítima de <i>Bullying</i>												
Sim	111	26,74	89	33,84	0,048	0,71	166	28,97	29	32,95	0,44	0,83
Não	304	73,26	174	66,16		0,51 –	407	71,03	59	67,05		0,51 –
Total	415	100	263	100		0,99	573	100	88	100		1,34
Vítima de <i>Bullying</i> físico												
Sim	49	11,80	53	20,15	0,003	0,53	87	15,18	14	15,9	0,86	0,94
Não	366	88,20	210	79,85		0,37 –	486	84,82	74	84,1		0,51 –
Total	415	100	263	100		0,81	573	100	88	100		1,75
Vítima de <i>Bullying</i> psicológico												
Sim	88	21,20	70	26,61	0,10	0,74	131	22,86	23	26,13	0,49	0,83
Não	327	78,80	193	73,39		0,51 –	442	77,14	65	73,87		0,50 –
Total	415	100	263	100		1,06	573	100	88	100		1,40
Vítima de <i>Bullying</i> virtual												
Sim	19	4,57	18	6,84	0,20	0,65	29	5,06	8	9,09	0,12	0,53
Não	395	95,43	245	93,16		0,33 –	543	94,94	80	90,91		0,23 –
Total	415	100	263	100		1,27	572	100	88	100		1,20

A tabela 3 exhibe associação entre ser praticante de *bullying* e assumir comportamentos de risco. Especificamente, observa-se que estudantes adolescentes que fumam na escola apresentam 0,40 mais chances de praticarem *bullying* na escola que os alunos que não relataram esse tipo de comportamento ($p = 0,04$; RP IC 95% = 0,4; 0,16 – 1,01). A mesma relação se estabelece quanto ao consumo de álcool na escola, os estudantes que consomem bebida alcoólica na escola possuem 0,28 mais chances de serem praticantes de *bullying* ($p=0,28$; RP IC 95% = 0,28; 0,13 – 0,58).

Quanto ao uso de arma de fogo, arma branca e consumo de drogas na escola pelos adolescentes estudantes, não apresentaram influencia na variável “ser vítima de *bullying*”.

Tabela 3 – Associação entre ser agressor de *bullying* e comportamento de risco em escolas da rede pública municipal de ensino no município de Campina Grande - PB

	Variável				Valor p	RP
	Sim		Agressor de <i>bullying</i>			
	n	%	n	%		
Fumo						
Sim	6	10,5	28	4,5	0,04	0,40
Não	51	89,5	590	95,5		
Total	57	100	618	100		0,16 – 1,01
Álcool						
Sim	11	19,3	39	6,3	0,00	0,28 0,13 – 0,58
Não	46	80,7	579	93,7		
Total	57	100	618	100		
Drogas						
Sim	0	0	12	2	-	-
Não	57	100	605	98		
Total	57	100	618	100		
Arma Branca						
Sim	2	3,5	35	5,6	0,49	1,65 0,38 – 7,04
Não	55	96,5	583	94,3		
Total	57	100	618	100		
Arma de fogo						
Sim	3	5,2	13	2,1	0,13	0,38 0,10 – 1,39
Não	54	94,8	605	97,9		
Total	57	100	618	100		

FONTE: Dados empíricos

Na tabela 4, observa-se associação entre *bullying* e violência escolar demonstrando que há maior probabilidade dos estudantes que sofreram violência escolar serem também vítimas

de *bullying* comparando-se com os adolescentes estudantes que não sofreram nenhum episódio de violência na escola.

Há íntima relação entre ser vítima de *bullying* e sofrer violência escolar sugerindo que o *bullying* inicia-se nos episódios de violência escolar, havendo agravamento destas situações de violência até chegar ao ponto de assumir o caráter de *bullying* com as especificidades de perseguição.

A mesma relação positiva percebe-se entre ser vítima de *bullying* e ser agressor de violência escolar, o que demonstra o grande potencial da vítima de *bullying* produzir alguma violência contra o agressor ou outro adolescente estudante, corroborando a teoria da violência escolar como um ciclo de ação e reação e deslocamento de papéis no fenômeno da violência escolar.

Tabela 4 – Associação entre vítima e agressor de violência escolar com vítima de *bullying* e tipologias em escolas da rede pública municipal de ensino no município de Campina Grande - PB

	Variável										Valor p	RP		
	Vítima de violência escolar				Valor p	RP	Agressor de violência escolar						Valor p	RP
	Sim		Não				Sim		Não					
n	%	n	%	N	%	n	%							
Vítima de <i>bullying</i>					0,00	47,43					0,00	1,92		
Sim	199	34	1	1		6,56 –	116	36,6	83	23		1,37		
Não	386	66	92	99		342,83	201	63,4	277	77		–		
Total	585	100	93	100			317	100	360	100		2,69		
Vítima de <i>bullying</i> físico														
Sim	101	17,26	1	1	0,00	19,19	63	19,8	38	10,55	0,001	2,10		
Não	484	82,74	92	99		2,64 –	254	80,2	322	89,45		1,36		
Total	585	100	93	100		139,35	317	100	360	100		–		
												3,24		
Vítima de <i>bullying</i> psicológico														
Sim	158	27	0	0	0,00	1,21	91	28,7	67	18,6	0,002	1,76		
Não	427	73	93	100		1,17 –	226	71,3	293	81,4		1,22		
Total	585	100	93	100		1,26	317	100	360	100		–		
												2,52		
Vítima de <i>bullying</i> virtual														
Sim	37	6,33	0	0	0,013	-	26	8,2	11	3	0,003	2,82		
Não	547	93,67	93	100			291	91,8	348	97		1,37		
Total	584	100	93	100			317	100	359	100		–		
												5,81		

FONTE: Dados empíricos

DISCUSSÃO

O *bullying* como um fenômeno mundial tem se manifestado em diversos países, entretanto há pluralidade na compreensão e nos instrumentos de identificação deste fenômeno, o que tem produzido prevalências de *bullying* diversificadas na literatura científica.

Todavia, conforme o Health Behavior in School-aged Children (HBSC) a prevalência de vitimização de *bullying* oscila entre 3% e 33% em adolescentes de 11 a 15 anos (CURRIE; NIC GABHAINN; GODEAU, 2009). O presente estudo identificou prevalência de vitimização de *bullying* de 29,5%, semelhante a outros estudos (EUA, 2012; BANNINK et al., 2014).

Pesquisa desenvolvida nos Estados Unidos revelou vitimização por *bullying* de 20,1% em 158 escolas do país considerando os eventos ocorridos nos últimos 12 meses (EUA, 2012) outro estudo neste mesmo país apontou envolvimento de 21,4% dos adolescentes como vítimas de *bullying* (BANNINK et al., 2014). Em Portugal, 46,8% dos escolares abordados declaram terem sofrido *bullying* no período analisado (SILVA et al., 2013).

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) verificou que prevalência de vitimização por *bullying* atingiu 27,8% (CAMPOS; JORGE, 2010); corroborando esse dado, estudo desenvolvido no mesmo município da presente pesquisa constatou vitimização por *bullying* de 23,6% (SANTOS et al., 2014).

Quanto à prevalência de agressor de *bullying*, a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PENSE) identificou a prática de *bullying* relatada por 20,8% dos estudantes (MALTA et al., 2014). Pesquisas realizadas em regiões específicas do país encontraram percentuais discrepantes; estudo realizado no Sul do Brasil constatou prevalência de perpetração por *bullying* de 7,1% (RECH et al., 2013), enquanto que estudo no Nordeste Brasileiro reconheceu 32,1% dos adolescentes estudantes como agressores de *bullying* (BRITO; OLIVEIRA, 2014).

Com relação aos escolares envolvidos nas situações de *bullying*, a associação entre “ser vítima de *bullying*” e “sexo” do estudante demonstrou propensão de maior envolvimento dos meninos nestes casos, o que corrobora com a maioria das pesquisas na área. No mesmo sentido, os adolescentes estudantes do sexo masculino apresentam maior tendência a comportamentos agressivos de *bullying*, ou seja, serem os praticantes de *bullying* (SANTOS et al., 2014; CARVALHOSA, LIMA, MATOS, 2001; CASSIANI-MIRANDA et al., 2014; GARCIA CONTINENTE; PÉREZ GIMÉNEZ; NEBOT ADELL, 2010).

Diversos estudos (SANTOS et al., 2014, BRITO; OLIVEIRA, 2014; MALTA et al., 2014; SILVA et al., 2013; TSITSIKA et al., 2014) demonstraram o predomínio de vitimização e agressão por *bullying* entre os estudantes do sexo masculino. Estudo brasileiro destacou

envolvimento dos estudantes nas situações de *bullying* indicando que os meninos apresentam cerca do dobro de chances de participarem desses casos no ambiente escolar (RECH ET AL., 2013).

Ressalta-se que o presente estudo revelou estudantes do sexo masculino, majoritariamente, como vítimas de todos os tipos de *bullying* analisados (psicológico, físico e virtual). Tsitsika et al. (2014) e Silva et al. (2013) sugeriram que os estudantes permanecem mais inseridos em situações de *bullying* físico e/ou formas diretas de *bullying*, enquanto as estudantes envolvem-se mais nas formas indiretas de *bullying*. Por sua vez, Rech et al. (2013) mencionaram que 38,7% dos estudantes vivenciam formas físicas de agressão, em comparação a 24,3% de agressões verbais, ratificando maior envolvimento dos meninos em *bullying* por agressão física direta.

Estudos (CARVALHOSA, LIMA, MATOS, 2001; SANTOS et al., 2014), assim como o presente, perceberam que a frequência do *bullying* reduz com o aumento dos anos de escolaridade, e conseqüentemente, idade do adolescente, apesar de não haver associação significativa entre vítima de *bullying* e idade. Nesta perspectiva, pode-se compreender que os escolares com menor idade apresentam maior percentual de vitimização por *bullying* em comparação aos escolares com maior idade (MOURA, CRUZ, QUEVEDO, 2011). CASSIANI-MIRANDA et al. (2014) ressalta que a faixa etária de 10 a 14 anos tem sido o intervalo de idade com maior frequência de vítimas de *bullying*.

A PENSE expôs que os alunos mais velhos, mesmo estando na mesma série escolar, sofrem menos *bullying*, portanto há maior prevalência deste fenômeno em escolares mais novos, sugere-se que os alunos mais velhos detêm características que podem os proteger da vitimização (MALTA et al., 2014).

Destarte, as vítimas de *bullying* mostram-se, na maioria, indefesas, inseguras, com baixa auto-estima, envergonhadas e retraídas com possibilidade de desenvolvimento de sintomas emocionais e comprometimento psicológico; já que são perseguidas pelo agressor, geralmente, por apresentarem alguma diferença em relação aos outros escolares, todavia, por vezes a motivação do agressor para praticar o *bullying* pode ser, simplesmente, inespecífica (LOPES NETO, 2005; SMITH et al., 2004).

Os agressores possuem como arma o poder de dominação contra o outro escolar com base na fragilidade do mesmo, sendo esta o alvo do praticante de *bullying*, entretanto mesmo aparentando “superioridade” em relação aos escolares e comportamento agressivo para com os alunos, o agressor também sofre de baixa auto-estima, insegurança e ansiedade. Portanto, como salienta Lopes Neto (2005) o mesmo busca reconhecimento entre estudantes adolescentes a

partir da intolerância àquele que é diferente dele de maneira negativa, ou seja, por meio de atos violentos (MATOS; GONÇALVES, 2009).

Assim sendo, os agressores de *bullying* apresentam maior tendência a comportamento de risco. Os atos de fumar, beber álcool e consumir drogas, foram encontrados em outros estudos (MATOS; GONÇALVES, 2009; CARVALHOSA, LIMA, MATOS, 2001) como, também, associados positivamente aos indivíduos que praticam o *bullying* contra seus pares, assim como identificado neste estudo que revelou significativa associação entre o consumo de fumo e álcool na escola com ser agressor de *bullying*.

No *bullying*, os adolescentes podem assumir a posição de vítimas e/ou de agressores a depender do contexto da agressão, por isto não há como prever qual papel o estudante adotará (LOPES NETO, 2005). Em muitas situações, o mesmo estudante que sofre o *bullying* pode comportar-se como agressor; a compreensão das causas que impulsionam as trocas de papéis dos alunos ainda é escassa, todavia, importantíssimas para a quebra do ciclo de persistência da violência escolar e do *bullying*.

Neste ciclo vítimas e agressores de violência escolar podem se tornar vítimas e agressores de *bullying* e vice versa, a partir da percepção de que há íntima relação entre violência escolar e *bullying*, no qual o *bullying* comporta-se como componente de intensificação da violência escolar surgindo desta, ou seja, as situações de violência escolar e o próprio contexto das escolas potencializam o surgimento de situações de *bullying*.

Independentemente, de ser vítima ou agressor de *bullying*, este agravo à saúde tende a impactar a qualidade de vida dos estudantes na forma de depressão, isolamento, distúrbios emocionais para as vítimas; e, comportamento antissocial e criminalidade para os agressores com efeitos até a vida adulta (MALTA et al., 2014).

Vale destacar, que neste estudo os episódios de vitimização e agressão por *bullying* foram autorelatados pelos estudantes, logo, os agressores de *bullying* podem ter omitido situações de agressão contra outro aluno subdeclarando os episódios de agressão. Além de se tratar de um estudo transversal que não permite inferências de causalidade entre os fatores associados ao *bullying*, configurando-se esses aspectos como limitações do estudo. Entretanto, contribuiu para a ratificação do *bullying* como um fenômeno global uma vez que compartilha os níveis de prevalências de *bullying* com pesquisas desenvolvidas mundialmente, apesar das diferenças culturais existentes que permeiam as diversas nações.

CONCLUSÕES

Inferese que o *bullying* na conjuntura escolar atual envolve, sobretudo, escolares do sexo masculino com menor idade, os quais assumem tanto a posição de vítimas quanto de agressores, tendo estes últimos mais chances de envolvimento com consumo de fumo e álcool.

Nota-se a formação de um ciclo permanente do *bullying* escolar, ao ponto que vítimas se tornam agressores, e conseqüentemente, agressores se transformam em vítimas alimentando as relações baseadas em violência e agressividade entre escolares.

Portanto, os processos de intervenção devem priorizar o rompimento de tal ciclo. Todavia, a mudança no contexto de violência escolar pode ser considerado um grande desafio, logo que requer ações multidisciplinares e intersetoriais, com inserção de pesquisadores, professores, gestores escolares, famílias, profissionais da educação e da saúde no sentido de implementar políticas públicas que visem o incentivo a valores e atitudes de paz e convivência saudável.

No Brasil, o Programa Saúde na Escola (PSE) implantado em 2007 pelo Ministério da Saúde intenciona impulsionar a interação do setor Saúde com o setor da Educação no combate a violência na escola mostrando-se como importante ferramenta na promoção da cultura de paz. Logo que associação de políticas públicas com práticas escolares compromissadas com a educação e o bem-estar escolar melhora as relações no espaço escolar e reduz os comportamentos de risco.

Em suma, inferese que ações eficazes de redução do *bullying* necessitam de estratégias com a participação efetiva dos diferentes atores sociais e do cuidado a partir da educação em saúde como instrumento de transformação e empoderamento dos sujeitos permeadas pelas diretrizes políticas nacionais, ademais, impulsionadas por ações próprias dos contextos escolares individuais.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, C. M.; HUTZ, C. S. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. v.16, n. 1, p. 35-44, 2012.

BANNINK, R.; BROEREN, S.; VAN DE LOOIJ – JANSEN, P. M.; WAART, F. G.; RAAT, H. Cyber and Traditional Bullying Victimization as a Risk Factor for Mental Health Problems and Suicidal Ideation in Adolescents. **Being Bullied, Mental Health and Suicidal Ideation**. v. 9, n. 4, 2014.

BERGER, K. S. Update on bullying at school: Science forgotten? **Developmental Review**. v. 27, p. 90-126, 2007.

- BRITO, C. C.; OLIVEIRA, M. T. Bullying and self-esteem in adolescents from public schools. **J Pediatr.** v.89, n.6, p. 601-607, 2013.
- CAMPOS, H. R.; JORGE, S. D. C. Violência na escola: uma reflexão sobre o *bullying* e a prática educativa. **Em Aberto.** v. 23, n. 83, p. 107-128, 2010.
- CARVALHOSA, S. F.; LIMA, L.; MATOS, M. G.. Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. **Análise Psicológica.** v. 4, n. 19, p. 523-537, 2001.
- CASSIANI-MIRANDA, C. A.; GÓMEZ-ALHACH, J.; CUBIDES-MUNÉVAR, A. M.; HERNÁNDEZ-CARRILLO, M. Prevalencia de bullying y factores relacionados en estudiantes de bachillerato de una institución educativa de Cali, Colombia, 2011. **Rev. salud pública.** v.16, n.1, p. 14-26, 2014.
- CURRIE, C.; NIC GABHAINN, S.; GODEAU, E. International HBSC Network Coordinating Committee. The Health Behaviour in School-aged Children: WHO Collaborative Cross-National (HBSC) study: origins, concept, history and development 1982-2008. **Int J Public Health.** v.54, Suppl 2, p.131-9, 2009.
- ELINOFF, M. J.; CHAFOULEAS, S. M.; SASSU, K. A. Bullying: considerations for defining and intervening in school settings. **Psychol Sch.** v.41, p. 887-897, 2004.
- EUA. Centers for Disease Control and Prevention (CDC). Youth Risk Behavior Surveillance (YRBSS). Morbidity and Mortality Weekly Report. Atlanta: CDC, 2012.
- GARCIA CONTINENTE, X.; PÉREZ GIMÉNEZ, A.; NEBOT ADELL, M. Factores relacionados com el acoso escolar (*bullying*) en los adolescentes de Barcelona. **Gac Sanit.** v.24, n.2, p.103-108, 2010.
- HUI, E. K. P.; TSANG, S. K. M.; LAW, B. C. M. Combating School Bullying through Developmental Guidance for Positive Youth Development and Promoting Harmonious School Culture. **The Scientific World JOURNAL.** v.11, p. 2266–2277, 2011.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria.** v. 81, n. 5, 2005.
- MALTA, D. C.; PORTO, D. L.; CRESPO, C. D.; SILVA, M. M. A.; ANDRADE, S. S. C.; MELLO, F. C. M.; MONTEIRO, R.; SILVA, M. A. I. *Bullying* em escolares brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). **REV BRAS EPIDEMIOL.** sup. PeNSE, p. 92-105, 2014.
- MATOS, M. G.; GONÇALVES, S.M.P. BULLYING NAS ESCOLAS: COMPORTAMENTO E PERCEPÇÕES. **PSICOLOGIA, SAÚDE & DOENÇAS.** v. 10, n.1, p. 3-15, 2009.
- MOURA, D. R.; CRUZ, A. C.; QUEVEDO, L. A. Prevalence and characteristics of school age *bullying* victims. **J Pediatr.** v.87, n.1, p. 19-23, 2011.

NETO, A. A.; SAAVEDRA, L. H. **Diga NÃO para o Bullying**. Rio de Janeiro: ABRAPIA; 2004.

RECH, A. R. R.; HALPERNB, R.; TEDESCOC, A.; SANTOS, D. F.. Prevalence and characteristics of victims and perpetrators of bullying. **J Pediatr**. v. 89, n. 2, p. 164–170, 2013.

SANTOS, J. A.; XAVIER, A. F. C.; PAIVA, S. M.; CAVALCANTI, A. L. Prevalência e Tipos de Bullying em Escolares Brasileiros de 13 a 17 anos. **Rev. Salud Pública**. v.16, n.2, p.173-183, 2014.

SILVA, M. A. I.; PEREIRA, B.; MENDONÇA, D.; NUNES, B.; OLIVEIRA, W. A. The Involvement of Girls and Boys with Bullying: An Analysis of Gender Differences. **Int. J. Environ. Res. Public Health**. v.10, p. 6820-6831, 2013.

SMITH, P. K.; TALAMELLI, L.; COWIE, H.; NAYLOR, P.; CHAUHAN, P. Profiles of non-victims, escaped victims, continuing victims and new victims of school bullying. **Br J Educ Psychol**. v.74, p. 565-581, 2004.

STELKO-PEREIRA, A. C. Avaliação de um programa preventivo de violência escolar: planejamento, implantação e eficácia. **Tese de Doutorado**. Universidade Federal de São Carlos. São Paulo – SP, 2012.

STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A. **Escala de Violência Escolar (EVE)**. Universidade Federal de São Carlos: Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, 2012.

TSITSIKA, A. K.; BARLOU, E.; ANDRIE, E.; DIMITROPOULOU, C.; TZAVELA, E. C.; JANIKIAN, M.; TSOLIA, M. Bullying behaviors in children and adolescents: “an ongoing story” **Frontiers in PublicHealth**. v.2, n.7, 2014.

WOLKE, D; WOODS, S.; BLOOMFIELD, L.; KARSTADT, L. Bullying involvement in primary school and common health problems. **Arch Dis Child**. v.85, p.197–201, 2001.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se compreender o fenômeno da violência escolar pela perspectiva ampliada considerando a multidimensionalidade: social, política, institucional e comportamental; e as diversas faces que compõem a prática das ações violentas no meio escolar, desde as circunstâncias consideradas mais “simples” até os atos com maior gravidade.

Evidencia-se a íntima relação entre violência e saúde, ao passo que a violência incide diretamente no bem-estar do indivíduo produzindo agravos à saúde mental, emocional e física, por meio de efeitos gradativos até atingir a vida humana. Nesse contexto, a violência escolar infere negativas implicações na qualidade e equilíbrio da saúde dos diversos atores escolares.

Portanto, este estudo fornece um panorama da violência escolar promovendo o conhecimento da proporção de ocorrência, característica dos atos, alguns atores envolvidos e fatores potencialmente relacionados à manifestação deste fenômeno, sendo suporte científico para programas, projetos e ações específicas de intervenção direcionadas a violência no meio escolar.

É sabido que a escola carrega, na essência, o papel social de fomento a cidadania e construção da aprendizagem intelectual tendo um caráter histórico-cultural de socialização e formação dos indivíduos, o que confronta-se com a realidade das escolas públicas de ensino, ambiente de produção, manifestação e propagação da violência nas diferentes modalidades.

Neste sentido, o cenário das escolas estudadas demonstrou que a violência escolar encontra-se presente no cotidiano das relações entre os atores escolares, produzindo vítimas e agressores, simultaneamente, com níveis altos de ocorrência.

Os resultados desse estudo indicam que a violência escolar envolvem adolescentes de ambos os sexos, sendo os estudantes do sexo masculino, majoritariamente, envolvidos com atos de violência física e material enquanto as estudantes encontram-se inseridas, em maior parte, em atos de violência psicológica, assumindo estes papéis de vítimas, bem como de autores.

A violência simbólica, que tem como característica principal a produção de atos de violência de modo unidirecional voltada para os alunos baseados no uso do poder como forma de dominação, revelou-se em todas as escolas atingindo, igualmente, alunos e alunas.

O comportamento de risco, caracterizado por uso de drogas lícitas e ilícitas, porte de arma branca e de fogo, mostrou-se como importante fator de risco para a ocorrência de atos de violência escolar, com destaque para o porte de arma branca e de fogo como fatores potenciais de propensão a prática de ações de violência na escola.

Quanto ao *bullying*, enquanto categoria da violência escolar, se apresenta, sobretudo, nas relações entre os escolares do sexo masculino, estando estes nas posições de vítimas e de agressores. Os estudantes que consomem drogas lícitas (fumo e álcool) demonstraram mais chances de praticarem *bullying* na escola.

Observa-se, portanto, associação entre violência escolar e *bullying*, exibindo que um fenômeno permanece imbricado no outro, à medida que escolares que sofreram violência escolar apresentam mais chances de serem vítimas de *bullying*.

Na violência escolar e no *bullying*, os escolares não apresentam posição estática, ao contrário, ora mostram-se como vítimas, ora como agressores. Nessa direção, pode-se inferir a formação de um ciclo permanente da violência no interior das escolas, no qual vítimas se transformam em agressores e vice e versa, fomentando os casos de violência em um movimento de ação-reação.

À vista disso, um dos focos prioritários de intervenção deve voltar-se para o rompimento de tal ciclo e atuação na complexidade multifatorial do fenômeno, por meio de atos de promoção das relações saudáveis entre os escolares. Contudo, a implementação de ações de prevenção e combate a violência escolar requer a aplicação prática das políticas já estabelecidas, com destaque, a saber: Lei 13005 de 25 de junho de 2014 que versa acerca do Plano Nacional de Educação ressaltando a articulação entre saúde, educação e assistência social na abordagem intersetorial às escolas e o Programa Saúde na Escola instituído, desde 2007, para estimular a política da intersetorialidade entre Educação e Saúde, tendo como pivôs a Escola e a Rede Básica de Saúde (BRASIL, 2014; BRASIL, 2007).

Do mesmo modo, demanda a construção de programas que visem à transformação da conjuntura social e mudança de atitudes dos diversos atores sociais envolvidos:

- a) gestores públicos, federais, estaduais e municipais, por meio do estímulo a produção de programas de combate à violência escolar com base na intersetorialidade das ações e inserção da participação social na construção das políticas, além da qualificação profissional ao magistério e valorização profissional;
- b) família, através da redução da vulnerabilidade social e econômica, tornando-as mais próximas ao ambiente escolar, comprometidas com o processo de socialização dos escolares;
- c) gestores locais, na busca da construção do diálogo entre comunidade-família-escola envolvendo-os por um objetivo em comum;
- d) setor saúde, como elemento estratégico na promoção da saúde dos escolares em cumprimento ao Programa Nacional de Promoção da Saúde e Programa Saúde na Escola;

e) demais setores (justiça, segurança, órgãos protetores da juventude), articulando-se por meio de ações intersetoriais a fim de firmar parcerias de atuação na minimização da violência nas escolas;

f) professores, utilizando da prática pedagógica no interior das salas de aula como fator estimulador a atitudes positivas entre os escolares, na perspectiva de desconstrução de visões fatalistas que tendem à naturalização do fenômeno no cotidiano escolar.

Depreende-se que se faz mister encarar a violência escolar como um problema posto inserido no contexto escolar e a necessidade de construção de uma rede de enfrentamento a violência escolar, que de modo integrado e intersetorial tenha potencial de impulsionar as ações de intervenção na minimização dos casos cotidianos de violência com vistas ao estímulo das relações de paz nas escolas, ações de promoção da saúde e fomento a cultura de paz.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, 2005.
- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002. 88 p.
- ABRAMOVAY, M; AVANCINI, M.; OLIVEIRA, H. **O bê-á-bá da intolerância e da discriminação**. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_02.pdf> Acesso em: 15 de setembro de 2013.
- AGUDELO, S. F. La violencia: un problema de salud publica que se agrava en la región. **Boletín Epidemiológico de la OPS**. v. 11, p. 01-07, 1990.
- ARTINOPOULOU, V. VIOLÊNCIA ESCOLAR NA GRÉCIA: PANORAMA DAS PESQUISAS E ESTRATÉGIAS DE AÇÃO. In: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.
- AVILÉS-DORANTES, D. S.; ZONANA-NACACH, A., ANZALDO-CAMPOS, M. C. Prevalencia de acoso escolar (bullying) em estudantes de una secundaria pública. **Salud Pública de México**. v. 54, n. 4, p. 362-363, 2012.
- BANDEIRA, C. M.; HUTZ, C. S. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. v.16, n. 1, p. 35-44, 2012.
- BARRY, M. **Youth offending in transition: the search for social recognition**. London: Routledge, 2006.
- BERGER, K. S. Update on bullying at school: Science forgotten? **Developmental Review**. v. 27, p. 90-126, 2007.
- BLANKEMEYER, M.; FLANNERY, D. J.; VAZSONYI, A. T. The role of aggression and social competence in children's perceptions of the child-teacher relationship. **Psychology in the Schools**. v.39, p. 293-304, 2002.
- BRASIL. Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. . **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**. Brasília, 25 de junho de 2014.
- BRASIL. Decreto 6.286 de 5 de Dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola – PSE e dá outras providências. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**. Brasília, 05 de dezembro de 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2001.

BROFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.

CAMPOS, H. R.; JORGE, S. D. C.. Violência na escola: uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa. **Em Aberto**. v. 23, n. 83, p. 107-128, 2010.

CAVA, M. J.; MUSITU, G. **La convivencia en la escuela**. Barcelona: Paidós, 2002.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**. n.8, p. 432-443, 2002.

CLÉMENCE, A. VIOLÊNCIA E INCIVILIDADE NA ESCOLA: A SITUAÇÃO NA SUÍÇA. In: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

COWIE, H; SMITH, P. K. VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: UMA PERSPECTIVA DO REINO UNIDO. In: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

CRUZEIRO, A. L. S.; FARIA, A. D.; PINHEIRO, R. T.; SILVEIRA, I. O.; FERREIRA, C. D. Prevalência e fatores associados ao transtorno da conduta entre adolescentes: um estudo de base populacional. **Cad. Saúde Pública**. v. 24, n. 9, p. 2013-2020, 2008.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 11, Sup., p. 1163-1178, 2007.

DEBARBIEUX, E. LA VIOLENCE À L'ÉCOLE, ENTRE EXAGÉRATION ET MÉCONNAISSANCE. INHES/OND: Rapport, 2006.

DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

DEKOVIC, M.; WISSINK, I. B.; MEIJER, A. M. The role of family and peer relations in adolescent antisocial behaviour: comparison of four ethnic groups. **Journal of Adolescence**. v.27, p.497-514, 2004.

DEMARAY, M. P.; MALECKI, C. K. The relationship between perceived social support and maladjustment for students at risk. **Psychology in the Schools**. v.39, p.305-316, 2002.

ESTÉVEZ, ESTEFANÍA; JIMÉNEZ, TERESA I.; MUSITU, GONZALO. Violence and victimization at school in adolescence. In: MOLINA, D. H. **School Psychology**. Cap. 2. p.79-115. 2008.

FURLONG, M.; MORISSON, H. The school in school violence: definitions and facts. **Journal of emotional and behavioral disorders**. v.8, n.2, p.71-82. 2000.

HAWKER, D. S. J.; BOULTON, M. J. Twenty years research on peer victimization and psychosocial maladjustment: a meta-analytic review of cross-sectional studies. **J Child Psychol Psychiatry**. v. 41, p. 441-55, 2000.

HAYDEN, C.; BLAYA, C. COMPORTAMENTOS VIOLENTOS E AGRESSIVOS NAS ESCOLAS INGLESAS. In: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

HENRY, D.; GUERRA, N.; HUESMANN, R.; TOLAN, P.; VANACKER, R.; ERON, L. Normative influences on aggression in urban elementary school classrooms. **American Journal of Community Psychology**. v. 28, p. 59-81, 2000.

HUI, EADAON K. P.; TSANG, SANDRA K. M.; LAW, BELLA C. M. Combating School Bullying through Developmental Guidance for Positive Youth Development and Promoting Harmonious School Culture. **The Scientific World JOURNAL**. v.11, p. 2266–2277, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. CENSO 2010. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em: 05 de outubro de 2013.

IJIMA, D. W.; SCHROEDER, T. M. R. PESQUISA SOBRE VIOLÊNCIA ESCOLAR NO BRASIL RESEARCH ABOUT SCHOOL VIOLENCE IN BRAZIL. **Revista Travessias**. v.6, n.3, p. 1-17, 2012.

JANSEN, P. W.; VERLINDEN, M.; BERKEL, A. D.; MIELOO, C.; ENDE, J.; VEENSTRA, R.; VERHULST, F. C; JANSEN, W.; TIEMEIER, H. Prevalence of bullying and victimization among children in early elementary school: Do Family and school neighborhood socioeconomic status matter? **BMC Public Health**. v. 12, n. 494, p. 1-10, 2012.

KAPPEL, V. B.; GONTIJO, D. T.; MEDEIROS, M.; MONTEIRO, E. M. L. M. Enfrentamento da violência no ambiente escolar na perspectiva dos diferentes atores. **Interface comunic. saud. educ.**, v.18, n.51, p. 723-35, 2014.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LAMBERT, R. **Violence in U.S. K-12 Schools, 1974–2013**. Patterns in Deadly Incidents and Mass Threat. Washington, 2013.

LAMBERT, S. F.; CASHWELL, C. S. Preteens talking to parents: perceived communication and school-based aggression. **The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families**, v.11, p. 1-7, 2003.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. v. 81, n. 5, 2005.

MACMILLAN, R.; HAGAN, J. Violence in the Transition to Adulthood: Adolescent Victimization, Education, and Socioeconomic Attainment in Later Life. **Journal of Research on Adolescence**. v.1, n. 2, p. 127–158, 2004.

MATEO, V. F.; FERRER, M. S.; MESAS, C. G. Un Estudio Descriptivo sobre el Acoso y Violencia Escolaren la Educación Obligatoria. **Escritos de Psicología**. v.2, n. 2, p. 43-51, 2009.

- MATOS, M. G.; GONÇALVES, S.M.P. BULLYING NAS ESCOLAS: COMPORTAMENTO E PERCEPÇÕES. **Psicologia, saúde & doenças**. v. 10, n.1, p. 3-15, 2009.
- MEEHAN, B. T.; HUGHES, J. N.; AND CAVELL, T. A. Teacher-student relationships as compensatory resources for aggressive children. **Child development**. v.74, p. 1145- 1157, 2003.
- MENDES, C. S. Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. **Rev. esc. enferm. USP**. v.45, n.3, p. 581-588, 2011.
- MICHAUD, Y. **A violência**. Ática: São Paulo, 1989.
- MILANI, F. M. Adolescência e violência: mais uma forma de exclusão. **Educar em Revista**. n. 15, 1999.
- MINAYO, M. C. de S; SOUZA, E. R. Violence and health care as na interdisciplinary field and an arena for collective action. **História, Ciências, Saúde— Manguinhos**. v. IV, n.3, p. 513-531, 1998.
- MINAYO, M. C. S. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: Brasil. Ministério da Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
- MINAYO, M. C. S. Violência: um Velho-Novo Desafio para a Atenção à Saúde. **REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MÉDICA**. v. 29, n 1, 2005.
- MONTOYA, Y. VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: ORIENTAÇÃO E SITUAÇÃO ATUAL DAS PESQUISAS NA FRANÇA. In: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.
- MURRAY, C., AND MURRAY, K. M. Child level correlations of teacher-students relationships: an examination of demographic orientation characteristics, academia orientations, and behavioral orientations. **Psychology in the Schools**. v. 41, p. 751-762, 2004.
- NANSEL, T.R., OVERPECK, M.D., HAYNIE, D.L., RUAN, W.J., AND SCHEIDT, P.C. Relationships Between Bullying and Violence Among U.S. Youth. **Archives of Pediatric and Adolescent Medicine**. v.157, n.4, p. 348–353, 2003.
- NETO, A. L.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não para o bullying: Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro: ABRAPIA. 2003.
- ODALIA, N. **O que é violência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.
- Organização Mundial de Saúde. **Version of the Introduction to the World Report on Violence and Health (WHO)**. Geneve: WHO, 2002
- ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Violência y salud: resolución no XIX**. Washington, 1994.

ORTEGA, R. O PROJETO DE SEVILHA CONTRA A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: UM MODELO DE INTERVENÇÃO EDUCACIONAL DE NATUREZA ECOLÓGICA. In: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

PEREIRA, M. G. **Epidemiologia: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

RECH, A. R. R.; HALPERNB, R.; TEDESCOC, A.; SANTOS, D. F.. Prevalence and characteristics of victims and perpetrators of bullying. **Journal Pediatr.** v. 89, n. 2, p. 164–170, 2013.

REDDY, R.; RHODES, J. E.; MULHALL, P. The influence of teacher support on student adjustment in the middle school years: a latent growth curve study. **Development and Psychopathology**, v.15, p. 119-138, 2003.

REINKE, W. M.; HERMAN, K. C. Creating school environment that deter antisocial behaviors in youth. **Psychology in the Schools**. v. 39, p. 549-559, 2002.

RINGWALT, C.L.; ENNETT, S.; JOHNSON, R. Factors Associated With Fidelity to Substance Use Prevention Curriculum Guides in the Nation's Middle Schools. **Health Education & Behavior**. v. 30, p. 375–391, 2003.

ROBERS, S.; ZHANG, J.; TRUMAN, J.; SNYDER, T. D. **Indicators of School Crime and Safety: 2011**. U.S. DEPARTMENT OF EDUCATION. U.S. DEPARTMENT OF JUSTICE OFFICE OF JUSTICE PROGRAMS, 2012.

RODRÍGUEZ, N. **Guerra en las aulas**. Madrid: Temas de Hoy, 2004.

ROMANÍ, F.; GUTIÉRREZ, C., LAMA, M.. Auto-reporte de agresividad escolar y factores asociados en escolares peruanos de educación secundaria. **Revista Peru de Epidemiologia**. v. 15, n.1, 2011.

ROUQUAYROL, M. Z.; SILVA, M. G. C. **Rouquayrol epidemiologia & saúde**. 7. ed. Rio de Janeiro: MedBook, 2013.

SÁ, A. A. Vitimização no Sistema Penitenciário. **Revista do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária**. v.1, n. 8, p. 15-32, 1998.

SANTOS, J. A. Bullying: prevalência, tipos e ocorrência de lesões maxilofaciais em escolares de 13 a 17 anos de Campina Grande – PB. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande – PB, 2011.

SEIXAS, S. R. Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. **Análise Psicológica**. v. 2, n. XXIII, p. 97-110, 2005.

SEVDA, A.; SEVIM, S. Effect of high school students' selfconcept and family relationships on peer bullying. **Revista Brasileira de Promoção da Saúde**. v. 25, n. 4, p. 405-412, 2012.

SILVA, N. N. **Amostragem Probabilística: um curso introdutório**. São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo, 2004.

SILVA, E. B.; COSTA, M. C.; SANTOS, M.; JANH, A. C. Violência escolar na perspectiva de adolescentes: potencialidades para o enfrentamento. **Cogitare Enferm.**, v.19, n.1, p.20-6, 2014.

SKIBA, R.; BOONE, K.; FONTANINI, A. ; WU, T.; ALLISON S.; PETERSON, R..
PREVENTING SCHOOL VIOLENCE: A Practical Guide to Comprehensive Planning.
Bloomington: Indiana Education Policy Center. Disponível em:
<<http://www.indiana.edu/~safeschl/psv.pdf> > Acesso em 20 de setembro de 2013.

SOUZA, L. P. A violência simbólica na escola: contribuições de sociólogos franceses ao fenômeno da violência escolar brasileira. **Revista LABOR**. v.1, n.7, 2012.

STELKO-PEREIRA, A. C. Avaliação de um programa preventivo de violência escolar: planejamento, implantação e eficácia. **Tese de Doutorado**. Universidade Federal de São Carlos. São Paulo – SP, 2012.

STELKO-PEREIRA, A. C. **Violência em escolas com características de risco contrastantes**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos – SP, 2009.

STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A. **Escala de Violência Escolar (EVE)**. Universidade Federal de São Carlos: Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, 2012.

STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A.; FREITAS, L. C. Validade e consistência interna do questionário de investigação de prevalência de violência escolar – versão estudantes. **Avaliação Psicológica**. v. 9, n.3, p. 403-411, 2010.

STORCH, E.A.; NOCK, M.K.; MASIA-WARNER, C.; BARLAS, M.E. Peer Victimization and Social-Psychological Adjustment in Hispanic and African-American Children. **Journal of Child & Family Studies**. v.12, p. 439–455, 2003.

STUEVE, A.; DASH, K.; O'DONELL, L.; TEHRANIFAR, P.; SLABY, R. G. Rethinking the bystander role in school violence prevention. **Health Promotion Practice**. v.7, n.1, p. 117-124, 2006.

UNITED STATES DEPARTMENT OF JUSTICE. Guide for Preventing and Responding to School Violence. United States: Department of justice. 2ª ed. 2007.

WEI, H.; WILLIAMS, J.H. Relationship Between Peer Victimization and School Adjustment in Sixth-Grade Students: Investigating Mediation Effects. **Violence and Victims**. v.19, p. 557–571, 2004.

WIEVIORKA, M. **Violence en France**. Paris: Le Seuil, 1999.

WILLIAMS, L. C. A. Sobre deficiências e violência: reflexões para uma análise de revisão de área. **Revista Brasileira de Educação Especial**. v.9, n.2, p.141-154, 2003.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global consultation on violence and health. Violence: a public health priority.** Geneva: WHO, 1996.

ANEXO A

DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM PROJETO DE PESQUISA

Titulo da Pesquisa: *Violência Escolar: Prevalência, Gravidade e Intensidade de Vitimização e Agressão Entre Escolares da Rede Pública Municipal de Ensino*

Eu, **Alessandro Leite Cavalcanti**, Professor Doutor C da Universidade Estadual da Paraíba portador(a) do RG: 1134015 declaro que estou ciente do referido Projeto de Pesquisa e comprometo-me em verificar seu desenvolvimento para que se possam cumprir integralmente os itens da Resolução 466/2012, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.



Orientador(a)



Orientando(a)

Campina Grande, 04 de fevereiro de 2014

ANEXO B

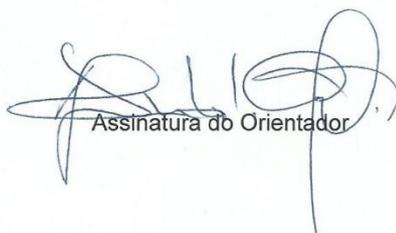
TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Pesquisa: *Violência Escolar: Prevalência, Gravidade e Intensidade de Vitimização e Agressão Entre Escolares da Rede Pública Municipal de Ensino*

Eu, Alessandro Leite Cavalcanti, professor do Programa de Pós-graduação em Saúde Pública, da Universidade Estadual da Paraíba, portador do RG: 1134015 e CPF: 630.934.214-20 comprometo-me em cumprir integralmente os itens da Resolução 466/2012 do CNS, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos

Estou ciente das penalidades que poderei sofrer caso infrinja qualquer um dos itens da referida resolução.

Por ser verdade, assino o presente compromisso.


Assinatura do Orientador

Campina Grande, 04 de fevereiro de 2014.

ANEXO C

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

ESCALA DE VIOLÊNCIA ESCOLAR - VERSÃO ESTUDANTE

Nome: _____

Idade: _____

Sexo: () Feminino () Masculino

Série: _____

Nos últimos 6 meses, algum aluno da sua escola...

1) Destruí seus materiais de propósito?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
2) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	multíssimo
3) Roubou ou furtou seus materiais?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
4) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	multíssimo
5) Espalhou fofocas sobre você?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
6) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	multíssimo
7) Não te convidou propositalmente para atividades acadêmicas, brincadeiras e festas para te magoar?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
8) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	multíssimo
9) Xingou e/ou apelidou você para te ofender, durante a semana?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
10) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	multíssimo
11) Ameaçou que iria te agredir fisicamente ?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
12) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	multíssimo
13) Ameaçou que iria te ridicularizar/zoar?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
14) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	multíssimo
15) Deu tapas em você?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
16) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	multíssimo
17) Deu socos em você?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
18) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	multíssimo
19) Deu chutes em você?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
20) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	multíssimo
21) Fez você tropeçar propositalmente?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais

22) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	muitíssimo
23) Enviou mensagens para te ofender ou xingar?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
24) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	Muitíssimo
25) Foi por qual meio?	telefone	internet	não ocorreu		
26) Te enviou mensagens para ameaçar que iria te agredir fisicamente?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
27) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	Muitíssimo
28) Foi por qual meio?	telefone	internet	não ocorreu		
29) Te enviou mensagens para ameaçar que iria te ridicularizar ?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
30) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	Muitíssimo
31) Foi por qual meio?	telefone	internet	não ocorreu		
32) Publicou mensagens sobre você te xingando ou tirando sarro?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
33) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	Muitíssimo
34) Foi por qual meio?	telefone	internet	não ocorreu		
35) Publicou vídeo sobre você de modo a te ofender ?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
36) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	Nada	um pouco	médio	Muito	Muitíssimo
37) Foi por qual meio?	telefone	internet	não ocorreu		
38) Publicou vídeo no qual você aparece de maneira que possa ser tirado sarro ou ridicularizado?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
39) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	Nada	um pouco	médio	Muito	Muitíssimo
40) Foi por qual meio?	telefone	internet	não ocorreu		
41) Fingiu que é você e mandou mensagens e vídeos a outras pessoas para te prejudicar ?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
42) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	Nada	um pouco	médio	Muito	Muitíssimo
43) Foi por qual meio?	Telephone	internet	não ocorreu		

Nos últimos 6 meses, algum funcionário (professor, inspetor) da sua escola...

44) Destruíu seus materiais de propósito?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
45) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	Muito	muitíssimo
46) Roubou ou furtou seus materiais?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
47) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	Muito	muitíssimo
48) Espalhou fofocas sobre você?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
49) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	Muito	muitíssimo
50) Ameaçou você?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
51) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal?	nada	um pouco	médio	Muito	muitíssimo
52) Xingou e/ou apelidou você para te ofender, durante a semana?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
53) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	muitíssimo
54) Te agrediu fisicamente?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
55) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	muitíssimo
56) Diminuiu sua nota por não gostar de você ?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
57) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	muitíssimo
58) Disse que você não é capaz de aprender algo?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
59) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	muitíssimo
60) Não permitiu que fosse ao banheiro por não gostar de você ?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
61) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	muitíssimo
62) Mandou avisos aos seus pais falando que fez coisas ruins sem ser verdade ?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
63) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	muitíssimo
64) Comunicou à diretora que você fez coisas ruins sem ser verdade?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
65) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	muitíssimo
66) Não te protegeu quando outros alunos te xingavam ?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
67) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	muitíssimo
68) Não te protegeu quando outros alunos riam de você ?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
69) O quanto isso te prejudicou ou te fez mal ?	nada	um pouco	médio	Muito	muitíssimo
70) Não te protegeu quando outros alunos te agrediam ?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais

Nos últimos 6 meses, você para algum aluno da sua escola...

71) Destruíu materiais de propósito?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
72) Roubou ou furtou materiais?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
73) Espalhou fofocas ?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
74) Excluiu de atividades de propósito?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
75) Xingou e/ou apelidou para ofender, durante a semana?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
76) Fez ameaças de agredir fisicamente?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
77) Jogou objetos nele (a) para machucar?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
78) Deu tapas nele (a)?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
79) Deu socos nele (a)?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
80) Deu chutes nele (a)?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
81) Fez ele (a) tropeçar propositalmente?	Nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
82) Enviou mensagens para ofender ou xingar?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
83) Foi por qual meio?	Telephone	internet	não ocorreu		
84) Enviou mensagens para ameaçar que iria agredir fisicamente?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
85) Foi por qual meio?	Telephone	internet	não ocorreu		
86) Enviou mensagens para ameaçar que iria ridicularizar ?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
87) Foi por qual meio?	Telephone	internet	não ocorreu		
88) Publicou mensagens xingando ou tirando sarro?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
89) Foi por qual meio?	Telephone	internet	não ocorreu		
90) Publicou vídeo da pessoa de modo a ofendê-la?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
91) Foi por qual meio?	Telephone	internet	não ocorreu		
92) Publicou vídeo no qual a pessoa aparece para tirado sarro dela ou ridicularizá-la?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
93) Foi por qual meio?	Telephone	internet	não ocorreu		
94) Fingiu que é o aluno e mandou mensagens e vídeos a outras pessoas para o prejudicar ?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
95) Foi por qual meio?	Telephone	internet	não ocorreu		

Nos últimos 6 meses, você na escola...

96) Fumou?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
97) Bebeu álcool?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
98) Usou drogas (como : maconha, cocaína, craque, cola) ?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
99) Carregou uma arma como faca e estilete para se proteger ou ameaçar?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais
100) Carregou revólver para se proteger ou ameaçar ?	nenhuma	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 ou 6 vezes	7 vezes ou mais

Nesse espaço em branco, escreva ou desenhe se desejar.

MUITO OBRIGADO PELA SUA PARTICIPAÇÃO!

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) DESTINADO AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Seu filho (a) filho (a) ou responsável está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “*Violência Escolar: Vitimização e Agressão Entre Adolescentes da Rede Pública Municipal de Ensino*”. O objetivo da pesquisa é analisar a violência no ambiente escolar. Se o Sr (a) autorizar, seu filho (a) ou responsável irá preencher um questionário o qual contém perguntas sobre experiências de violência na escola. A participação do seu filho (a) ou responsável não é obrigatória, estando o Sr (a) livre para autorizar ou não, e também, a qualquer momento, desistir da participação do seu filho (a) ou responsável. Não há riscos relacionados à participação e não haverá nenhuma forma de remuneração pela participação na pesquisa. Garantimos que as informações dadas pelo seu filho (a) ou responsável serão confidenciais e asseguramos o sigilo da participação, assim, não serão divulgados dados que possam identificar seu filho (a) ou responsável.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____ (colocar nome do pai, mãe ou responsável) declaro que li e entendi as informações acima sobre objetivo, riscos e benefícios da pesquisa. Autorizo a participação de meu filho (a) ou responsável e compreendo que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem penalidade ou perda de benefício. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Para maiores esclarecimentos entrar em contato com a equipe de pesquisa no telefone (83) 33228536 com Emanuella de Castro ou pelo email emanuella.de.castro@gmail.com

Campina Grande, ___/___/___

Assinatura dos pais ou responsáveis

Assinatura do pesquisador

Assinatura Datiloscópica

APÊNDICE B**TERMO DE ASSENTIMENTO DESTINADO AOS ESTUDANTES**

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “*Violência Escolar: Vitimização e Agressão Entre Adolescentes da Rede Pública Municipal de Ensino*”. Neste estudo pretendemos analisar a violência no ambiente escolar. Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não causará qualquer penalidade ou prejuízo. não será identificado em nenhuma publicação. Sua identidade será mantida em sigilo. Com a autorização do responsável por você e o seu consentimento, voce irá preencher um questionário o qual contém perguntas sobre experiências de violência na escola.

Eu, _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Campina Grande, __/__/__

Assinatura do(a) estudante

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:
Emanuella de Castro (83) 3322 8536 ou emanuella.de.castro@gmail.com



Estado da Paraíba
 Prefeitura Municipal de Campina Grande
 Secretaria de Educação



CAMPINA GRANDE, 20 DE NOVEMBRO DE 2013

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

A Secretaria de Educação do Município de Campina Grande, através da Coordenação Geral de Educação está ciente da intenção do projeto de pesquisa intitulado **"VIOLÊNCIA ESCOLAR: PREVALÊNCIA , GRAVIDADE E INTENSIDADE DE VITIMIZAÇÃO E AGRESSÃO ENTRE ESCOLARES DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO"**, desenvolvida pela Mestranda: Emanuella de Castro Marcolino, da Unidade Acadêmica de Educação da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, mediante as seguintes condições:

1. Os pesquisadores deverão apresentar uma cópia do Projeto de Pesquisa à Coordenação;
2. Caberá aos pesquisadores, respeitando as questões éticas, tornar cientes os participantes, os quais deverão assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE;
3. Os pesquisadores se comprometerão a socializar os resultados da Pesquisa com a Secretaria de Educação.

pp. Guda JB Rodrigues
MARIA GORETTI DE LIMA
 Coordenadora Geral de Educação

Secretaria de Educação
 Rua Paulino Raposo, 347 - Centro - Campina Grande/PB. CEP:58.400-358
 E-mail: gabinetedaseduc@yahoo.com.br
 Telefone:3322.5503